Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

1290000275
FE
TCC/UNICAMP Si38c

Caleidoscópio de imagens: estigma racial escola, cinema e televisão

2002

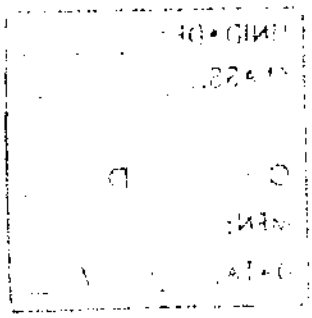
Adriana Alves da Silva

Caleidoscópio de imagens: estigma racial escola, cinema e televisão

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como exigência parcial para o curso de Pedagogia, realizado sob orientação da Profa. Dra Ângela Soligo.

Campinas
2002

© by Adriana Alves da Silva, 2002.



Catalogação na Publicação elaborada pela biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

Si38c

Silva, Adriana Alves da.
Caleidoscópio de imagens : estigma racial, escola, cinema e televisão / Adriana Alves da Silva. -- Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador : Ângela de Fátima Soligo.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. *Estigma racial. 2. Racismo. 3. Escola. 4. Cinema. 5. Televisão. I. Soligo, Ângela de Fátima. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

02-0122-BFE

Campinas, 12 de Julho de 2002.

Profa. Dra. Ângela de Fátima Soligo (Orientadora)

Prof. Dr. Carlos E. A. Miranda (2º Leitor)

Aos meus pais, que me educaram para a percepção do mundo em sua totalidade, com amor e respeito obrigado por mais esta conquista!

Sinceros Agradecimentos

Às pedagogas Aline Shiohara, Jéssica Rosseto, Mariana Goreinstein, Fernanda Goulart, Carolina Ladeira, Priscila Candeloro, Gabriela Coppola e algumas poucas outras... em especial à minha companheira mais fiel Regina Célia dos Santos, mulheres maravilhosas que me acompanharam durante este longo e rico percurso de aulas, trabalhos, CAP e tantos momentos de rica formação acadêmica, política e de vida...obrigada por dele fazerem parte.

Aos meus geógrafos queridos por buscarem a percepção do mundo em sua totalidade...

Aos companheiros do movimento estudantil, pela formação política ao meu ver fundamental na Universidade ideal e claro pela luta que travamos por ela...

À orientação da Prof. Ângela Soligo na pesquisa, da iniciação à prática cientifica a esta monografia, obrigado pela serenidade com a minha pedagogia do devaneio...

Aos meus amados olheiros Profs. Milton de Almeida e Carlos A. C. Miranda pela capacidade de terem olhos quando tantos outros os perderam...

À Profa. Ana Lúcia Goulart de Farias por ser tão divertida, apaixonada pela educação, pela docência, pelo conhecimento e pela prática que transforma... esta militância política cotidiana...presença tão especial em minha formação...

E á Rafael dos Santos por vim amenizar o tortuoso final desta trajetória que possamos compartilhar de muitos outros momentos... nossas escolhas tão repletas de amor.

Mundo Grande

Não, meu coração não é maior que o mundo.
É muito menor.
Nele não cabem nem as minhas dores.
Por isso gosto tanto de me contar.
Por isso me dispo,
Por isso me grito,
Por isso frequento os jornais, me esponho cruamente nas livrarias:
preciso de todos.

Sim, meu coração é muito pequeno.
Só agora vejo que nele não cabem os homens.
Os homens estão cá fora, estão na rua.
A rua é enorme. Maior, muito maior do que eu esperava.
Mas também na rua não cabe todos os homens.
A rua é menor que o mundo.
O mundo é grande.

Tu sabes como é grande o mundo.
Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão.
Viste as diferentes cores dos homens,
as diferentes dores dos homens,
sabes como é difícil sofrer tudo isso,
amontoar tudo isso
num só peito de homem...sem que ele estale.

Fecha os olhos e esquece.
Escuta a água nos vidros,
tão calma. Não anuncia nada.
Entretanto escorre nas mãos,

tão calma! Vai inundando tudo...
Renascerão as cidades submersas?
Os homens submersos ---- voltarão?
Meu coração não sabe.

Estúpido, ridículo e frágil é meu coração.
Só agora descubro
como é triste ignorar certas coisas.
(Na solidão de indivíduo
desaprendi a linguagem
com que homens se comunicam.)

Outrora escutei os anjos,
as sonatas, os poemas, as confissões patéticas.
Nunca escutei voz de gente.
Em verdade sou muito pobre.

Outrora viajei
países imaginários, fáceis de habitar,
ilhas sem problemas, não obstante
exaustivas e convocando ao suicídio

Meus amigos foram às ilhas.
Ilhas perdem o homem.
Entretando alguns se salvaram e trouxeram a notícia
de que o mundo, o grande mundo está crescendo todos os dias,
entre o fogo e o amor.

Então, meu coração também pode crescer.
Entre o amor e o fogo,
Entre a vida e o fogo,
Meu coração cresce dez metros e explode.
--- Ó vida futura! nós te criaremos.

(Sentimento do Mundo/ Carlos Drumond de Andrade – Rio de Janeiro: Record, 2001)

Apresentação ou Algumas palavras...

Trazer à tona, deixar emergir as quase sempre obscuras razões que alimentam nossas escolhas não me é tarefa fácil, porém acredito ser de suma importância tentar sempre romper com as amarras que aprisionam o nosso e o coletivo acesso ao conhecimento, mesmo que estes sejam aqueles subterrâneos da memória.

Quando penso nas amarras , remeto-me a cegueira que assola nossa sociedade, em tempos sombrios de individualismo, violência exacerbada, exclusão, miséria, xenofobia, racismo... E é doloroso o caminho de, como escreveu José Saramago no *Ensaio sobre a Cegueira*, caminhar com a responsabilidade de ter olhos quando outros os perderam, e ir além das falsas aparências, dos mascaramentos e das prisões que tolhem nossa capacidade de sermos sujeitos da própria história.

A pedagogia foi de certa forma um acaso feliz, aspirei pela Psicologia, desejava compreender os homens...considerando a audácia e o qualitativo salto de percepção, uma vez que a Psicologia "não é o caminho", nem talvez a Pedagogia possa ser...a questão é de como o conhecimento e nossas vivências vão afastando o denso véu de ignorância a que estamos expostos. Avalio que muito caminhei neste propósito a partir do conhecimento "pedagógico" e da vivência universitária recheada de atividades políticas que tanto permeiam nossas estrutura de ensino superior público, que resiste a tantos ataques em tempos neoliberais, sombrios...E o curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Unicamp tem como os demais outros cursos, a perspectiva de uma formação centrada no tripé de ensino, pesquisa e extensão, seus princípios norteadores buscam a formação do professor e do educador para o trabalho nos mais diversos campos educacionais da sociedade, estimulando seus alunos ao desenvolvimento de pesquisas que através de orientações críticas possam transformar-se e qualitativamente contribuir para o ideário de educação

democrática e cidadã para todos, busca que incorporei ao longo destes anos e espero transmitir ao menos um pouco da essência deste intento neste trabalho. Portanto a minha pesquisa (financiada por 01 ano pelo programa Bolsa SAE/Pesquisa), que iniciou-se com angústia perante as desigualdades do mundo, recortou-se para o estigma racial considerando o contexto perverso de "racismo à brasileira" e culmina com este trabalho de conclusão de curso, uma tentativa de narrar esta trajetória, essa escolha de prática e reflexão da minha formação.

O meu olhar sobre o negro é um reflexo da minha inquietação com este universo sombrio das desigualdades...o lugar da escola, o cinema, imagens fílmicas e a televisão...ah! telenovelas e a "arte imitando a vida", recortes que refletem minhas escolhas de percepção do mundo nesta minha produção. Saliento a questão do meu olhar, que certamente acolhe contribuições para a temática como também coloca limitações, mas que acredito provoca (ao menos busco) provocar inquietações para se pensar nossas tão urgentes transformações sociais. Estigma, marcas visíveis, o olhar, o cinema, a televisão, passando pela escola (...ah! a escola...lugar sagrado, inquestionável de incursão em algum momento da trajetória na formação em pedagogia), teia de interesses, uma aparentemente colcha de retalhos... que expõem meu processo de formação acadêmica onde educação me é politicamente compreendido como prática e reflexão norteador para transformações sociais.

Que este trabalho possa simbolizar ou representar a finitude deste momento de formação (formação esta ao meu ver contínua...mas com algumas fases), contribuir com outras formações em processo e principalmente constituir-se em um elemento reflexivo de novas práticas educativas, sociais...alimentando as minhas utopias (e de outros, também...) por um outro universo de possibilidades, um outro mundo...

"Ó vida futura! Nós te criaremos."

"Como em um caleidoscópio, buscamos imagens que não se fixam, através dos diferentes discursos que irão debatê-las. Imagens, que em realidade são refrações; são possibilidades e dúvidas; são buscas e incertezas. Imagens que espelham nosso compromisso de tentar entender e ajudar o outro na riqueza de sua diferença."

Sumário

Resumo.....10
Introdução.....11

Capítulo 1 - A escola.....17
1.1 - Trajetória de uma pesquisa.....21
1.2 - Algumas análises.....26
1.3 – Provocando Reflexões.....35
Capítulo 2 - Tempo de Imagens.....37
2.1 - Cenas do filme " A Hora do Show".....41
2.2 - Cartaz de divulgação do filme, estereótipos racistas.....42
2.3 - *Vive la différence* com Spike Lee.....43
Capítulo 3 - Nosso olhar sobre a televisão.....44
3.1 - O que nossas crianças assistem.....46
3.2 - Telenovela e onde estão os negros.....50
3.3 - "O Clone" e estigma racial.....52

Considerações finais.....58
Bibliografia.....61
Anexos.....64

Resumo

Considerando o racismo como prática discriminatória determinante na formação da identidade estigmatizada de crianças negras no Brasil, neste trabalho inicialmente procuramos identificar, analisar e desmistificar as relações raciais no ambiente escolar, resultados de uma pesquisa desenvolvida durante 01 ano e financiada pelo programa SAE/Pesquisa. No segundo momento mergulhamos nossas observações nas análises sobre imagens e sons em movimento, caminhando um pouco pelo cinema com a estética de tese de Spike Lee, que no seu último filme lançado no Brasil trabalha com a questão racial na televisão norte-americana, até chegarmos na televisão brasileira, em especial à telenovela brasileira e onde estão os negros, ou como estão representados, trajetória que desenvolvemos visando compreender como se dão os processos de construção de identidade a partir das possíveis visibilidade dos sujeitos.

Introdução

"A natureza criou diferenças; a sociedade transformou-as em desigualdades. Ao longo dos tempos forjou todo um aparato de justificativas e brandiu-as como escudo contra a verdade da natureza e da cultura. A constante foi e continua sendo a avaliação do Outro pela epiderme. A partir da pele, que cobre e veste o ser humano, não se chega a uma diversidade de valores, mas a uma hierarquia na qualidade dos seres".

(Jelloun, 1984 In Souza, 1991).

Nossas investigações iniciaram-se a cerca da problemática racial brasileira, a partir de considerações de que o racismo constitui-se enquanto prática discriminatória determinante na formação da identidade estigmatizada da criança negra no Brasil. Formulamos um projeto de pesquisa que pretendia identificar, analisar e desmitificar as relações raciais no ambiente escolar onde através de pesquisa bibliográfica e de campo em uma escola da rede pública de Campinas para a observação e coleta de dados das práticas e representações do racismo no cotidiano multirracial e multicultural da escola, focalizamos a constituição do estigma racial à partir da visibilidade que o indivíduo (a criança/jovem negra) tem de si mesmo e como a exterioriza.

Considerávamos inicialmente que identidade e estigma[1] encontram-se muitas vezes intrinsicamente ligados na formação social do indivíduo. Através de normas, condutas, regras e valores transmitidos no processo de socialização, a formação de identidades ou negativamente de estigmas, decorrem de diversas relações, tanto sócio-econômicas e culturais como principalmente das relações de poder e controle da sociedade.

GOFFMAN (1975) sustenta que a construção histórica do estigma baseia-se em marcar negativamente o indivíduo, através de valores morais e consequentemente uma teia de interesses de manipulações e controle, o surgimento de evidências ou a constatação de categorias diferentes, de uma espécie menos desejável ou moralmente construída desta forma conduz à estigmatização.

Para CHARTIER (1990) que utiliza o esquema de construção das representações como instrumento de dominação sendo que, a relação de

[1] Segundo GOFFMAN (1975), estigma é o termo criado pelos gregos para evidenciar através de marcas visualmente detectáveis desvalorizações e preconceitos, construídos historicamente contra alguns grupos ou determinados sujeito.

representação é confundida pela ação da imaginação, que faz tomar o logro pela verdade, ostentando os signos visíveis como elementos de uma realidade que não o é, a representação deturpada desta forma transforma-se em máquina de fabrico de respeito e de submissão, num instrumento que produz constrangimento interiorizado, instrumentos úteis e necessários onde quer que falte o possível recurso a uma violência imediata, estratégias de dominação que permeiam as complexas relações sociais.

E segundo MOSCOVICI (1978, p. 49)

> *"Os preconceitos raciais e sociais, por exemplo, jamais estão manifestamente isolados, eles assentam num fundo de sistemas, de raciocínio de linguagens, no tocante à natureza biológica e social do homem, suas relações com o mundo. Esses sistemas são constantemente interligados, comunicados entre gerações e classes, e os que são objetos desses preconceitos vêem-se mais ou menos coagidos a entrar no molde preparado e adotar uma atitude conformista."*

No universo brasileiro e interesse de nosso estudo a desvalorização da identidade negra parte do princípio de que embora o segmento racial negro (negros e pardos) represente, segundo o IBGE (1990), 44,2% da população brasileira, sua representatividade é inferiorizada e marginalizada, com desvantagens sócio-econômicas em relação aos brancos e evidenciadas em diversos indicadores como o rendimento, a ocupação e a instrução. Em suma, o segmento negro ganha menos, estuda menos e tem acesso e oportunidades desiguais e inferiores no mercado de trabalho.

A história do surgimento das teorias racistas como práticas políticas de implementação e legitimação da dominação é sustentada por PATTO (1990) que ao remeter o papel da ciência na construção da ideologia exploradora no período colonialista europeu, a autora cita o Darwinismo social utilizado por intelectuais da burguesia no séc. XIX, onde a transposição de suas idéias para o universo social, construindo a ideologia de que também se daria uma seleção dos mais aptos num mundo pretensamente igualitário, resultando numa biologização mistificadora da vida em sociedade e justificadora da exploração e da opressão exercidas pelas classes dominantes dos países colonianistas, tanto dentro como fora de suas fronteiras.

A pretensa e questionável objetividade e neutralidade da ciência contribuiu de forma determinante para a legitimação de práticas racistas e sublimação da desigualdade entre as classes sociais. PATTO remete a HOBSBAWM (1982, p. 278) que afirma,

"(...) nunca mais seria tão fácil para o senso comum que acreditava que o mundo triunfante do progresso capitalista era o melhor dos mundos possíveis pudesse então mobilizar o universo e confirmar seus preconceitos." (p.35)

ROSEMBERG (1996) afirma que a existência das desigualdades remete a um padrão de segregação espacial entre as raças e que levaria o segmento negro a usufruir de serviços e equipamentos sociais de pior qualidade que os brancos. A segregação espacial do segmento negro remete à herança histórica do período escravista e à construção ideológica de inferioridade que, após séculos de miscigenação e de uma falsa democracia racial, ainda determina os papéis sociais dos sujeitos através da ótica hegemônica da classe dominante branca.

Segundo Sueli Carneiro (Revista Caros Amigos, fev. 2000) ao questionar as desiguais relações raciais e sociais no Brasil remete ao mito da democracia racial que produziu no Brasil a mais perversa e sofisticada forma de racismo no mundo, criando um falso ordenamento jurídico, assentado no discurso, no teórico que assegura uma igualdade formal, que dá a todos uma suposta igualdade de direitos e oportunidades, mas que na prática libera a sociedade para discriminar impunemente.

Os estudos que permearam nossas análises vão ao encontro da compreensão de que o mito da democracia racial (Gilberto Freyre, 1998) sustentado pelo intenso processo de miscigenação que ocorreu na colonização brasileira, a teoria de classes como fundamento da segregação racial (Florestan Fernandes, 1965) e a concepção de classe integrado a um sistema hierarquia racial (C. Hasembalg, 1979) são as bases fundamentais para uma possível análise a cerca de práticas e representações que legitimam, consolidam e asseguram o racismo no Brasil.

No Brasil o racismo é tão implícito nas relações raciais e ao mesmo tempo tão ideologicamente presente que as pessoas não se percebem racistas e por vezes nem vítimas do racismo, e deste que implantado pelos colonizadores o complexo de inferioridade entre os negros (através de diversas práticas e representações da escravidão) a prática do racismo tornou-se tarefa fácil.

Segundo AZEVEDO (1987:50), nossa cultura é racista e desvaloriza a raça negra com mensagens racistas subliminares que passam despercebidas como tais, configurando o nosso cotidiano.

"Os anúncios comerciais de todos os shampoos exaltam os seus benefícios na ação de tornar os cabelos com balanços e soltos. Subconscientemente todos fazem a associação mental do belo, do desejável, do bom aos cabelos que livremente balançam. Logo nas deduções

associativas da mente humana, conclui-se que o feio, o indesejável , o ruim, é oposto, isto é o cabelo duro (...)"

A sociedade brasileira interioriza através de diversas representações a concepção de inferioridade racial, que foi construída historicamente pela hegemonia da classe dominante e os papéis sociais que a raça negra na grande maioria tem acesso, acentua estas concepções.

A forma como o negro aparece representado, por exemplo, nos meio de comunicação, em especial a televisão, contribui consideravelmente para a inferiorização ocupacional na estrutura social brasileira, através de estereótipos estigmatizantes.

A sociedade brasileira historicamente produziu uma perversa forma de racismo sem precedentes pelo mundo, onde os sujeitos não se vêem racistas e nem vitimas do preconceito, fundamentando uma espécie de naturalização da desigualdade. E nisto instala-se uma série de representações e subterfúgios de mascaramento para uma realidade perversa, preconceitos que vão se revelando no cotidiano de forma velada, nas mais simples situações, desmistificando a crença consolidada de vivermos em um país onde reina a democracia racial, como afirmou, FERREIRA (2000) onde as pessoas desenvolvem um mundo simbólico em que as características fenotípicas acabam operando com referências para o preconceito

Estereótipos encarregam-se de fundamentar o senso comum em relação a inferioridade do negro em contraposição ao modelo hegemônico branco e em relação a estes aspectos Milton Santos afirma que,

"Costuma-se dizer que uma diferença entre os Estados Unidos e o Brasil é que lá existe uma linha de cor e aqui não. Em si mesma, essa distinção é um pouco mais do que alegórica, pois não podemos aqui inventar essa famosa linha de cor. Mas a verdade é que, no caso brasileiro, o corpo da pessoa também se impõe como uma marca visível e é freqüente privilegiar a aparência como condição primeira de objetivação e de julgamento, criando uma linha demarcatória, que identifica e separa a respeito das pretensões de individualidade e de cidadania do outro. Então, a própria subjetividade e a dos demais esbarram no dado ostensivo da corporeidade cuja avaliação, no entanto é preconceituosa." (2000, p.15)

A percepção do indivíduo negro em uma sociedade explicitamente configurada por brancos e representada por brancos, tanto na mídia, como nas posições de destaque social, coloca a questão do branqueamento como um ideal, a busca de superação da opressão exercida pelo estigma racial através de um branqueamento e redução dos caracteres negroídes, onde como afirma SOLIGO (1996), o negro,

constrói uma projeção que vai de encontro com um ego ideal que não se realiza de forma concreta, mas de forma fetichizada, pois o ideal cultivado, vinculado e incentivado em nossa sociedade encontra-se no sujeito branco.

➢ Irene Souza (1991) avaliando a construção da identidade do negro brasileira constata que, de acordo com o Censo de 1980, de 119 milhões de brasileiros 54,7% se declararam brancos, 38,4 % pardos, 5,8% pretos e 0,6% amarelos, porém do recenseamento de 1980 os não brancos ao responderem ao quesito cor deram um total de 136 cores, de acastanhada a morena bem chegada, demostrando que o brasileiro foge de sua realidade étnica, fuga simbólica em que busca compensar-se da discriminação, do preconceito de cor de que é vítima. A apologia do branqueamento como possibilidade de ascensão social, possibilita a afirmação deliberada do estigma racial, como filtro social de aceitação através do quesito cor e as características fenópticas acentuadas do segmento negro.

O mascaramento do racismo no Brasil, sustentado por um mito de democracia racial, cai no discurso do senso comum, onde como afirma PEREIRA (1996) temos o *"racismo à brasileira"*, que sustenta-se no discurso e nas práticas sociais, onde observamos a dificuldade de se negar a existência de um sistema de valores que, atuando no nível do discurso e das atitudes (verbalizadas ou não), tanto inibe manifestações negativas na avaliação "do outro" racial como estimula a apologia da igualdade e da harmonia racial entre nós, chegando ao extremo de a sociedade brasileira, no dizer de Florestan Fernandes, "ter preconceito de ter preconceito."

O racismo à brasileira (PEREIRA, 1996: 76) confunde-se entre os conceitos de raça e etnia, onde o primeiro remete mais especificamente a atribuições biológicas, características fenópticas e o segundo as características culturais de um determinado povo, pois o processo de identificação racial brasileiro é comumente confuso, principalmente pelas disparidades entre a auto percepção e a percepção do outro, tendo em vista como afirma FERREIRA que,

> *"O preconceito racial, no Brasil, foi criado a partir de uma interação entre dois grupos - uma classe política e economicamente dominante que assumiu uma concepção de mundo considerada superior e estigmatizou o outro grupo, neste caso, o dos não brancos, caracterizando-o como de qualidade inferior, crença que passa a ter a função de justificar a dominação sobre ele".* (2000:52)

Esta constatação é facilmente comprovada em nosso cotidiano e fortalece as desigualdades, criando uma enorme dificuldade de desmistificar e combater as

práticas raciais perversas de nossa sociedade. Muitas pesquisas são desenvolvidas a cerca da problemática racial, BORGES PEREIRA (1966) afirma que esbarra-se em, diversos fatores que conspiram para que problemas fundamentalmente às suas características raciais não assomem plenamente à consciência do negro, como a complexidade de definição de pertencimento racial

Outro destes fatores levantados por Borges Pereira (1966) em seu estudo sobre mobilidade ocupacional do negro em São Paulo, vai ao encontro com a escolarização insuficiente a que o segmento racial negro tem acesso, e suas condições de permanência.

Após a abolição da escravidão a maior contingência de negros não foi absorvida nas relações de trabalho, migrações e a mentalidade de superioridade européia prevaleceu, os negros ocuparam os estratos mais baixos da estrutura social, considerando a monopolização pelos imigrantes e descendentes da educação, dos melhores empregos e das oportunidades de mobilidade social, sustentando a dialética de manutenção da desigualdade, como mostraram os trabalhos de F. Fernandes (1965), quando discorre sobre a integração do negro na sociedade de classes.

E considerando em um primeiro momento nosso campo de conhecimento, a área educacional que segundo Fúlvia Rosemberg (1988, 1996) em seus estudos, deve-se levar-se em conta a dinâmica social e educacional a partir de três eixos convergentes: a esfera econômica, política e cultural sem redução de uma a outra, entrelaçando os três eixos em um interjogo complexo com suas contradições, e sendo a base para compreender a dinâmica de exclusão e desigualdade.

Capítulo 1

A Escola

A questão da desigualdade racial é compreendida na área educacional à partir das práticas vivenciadas na escola pelo segmento negro em ações e representações do cotidiano; experiências nos mostram que em geral a escola silencia, inferioriza e marginaliza a história do negro na formação da sociedade brasileira.

A escola pública legítima transmissora do saber sistematizado foi o ponto de partida do presente estudo, para uma compreensão da construção da identidade estigmatizada da criança/jovem negra, através do silêncio sobre a particularidade cultural dos grupos sociais e étnicos, da segregação racial e social dos livros didáticos e dos rótulos e estereótipos freqüentes nas relações entre professores e alunos e toda a comunidade escolar.

A importância das pesquisas em relação à problemática racial no Brasil, principalmente na escola, reforça-se por esta instituição, no contexto brasileiro, gozar de um papel extremamente importante na formação social de crianças e jovens, conforme afirma a pesquisadora Vera Moreira Figueira, *"sendo um veículo de socialização primária com função ideológica privilegiada pela sua sistematização e obrigatoriedade legitimada perante toda sociedade."* (1993:34)

Trabalhar com o segmento racial negro dentro do ambiente escolar surgiu como perspectiva a partir de análises constantes em várias disciplinas do curso de Pedagogia, que apresentavam dados de desvantagens nas trajetórias de crianças negras.

Conforme SOUZA (1982) em seus estudo sobre a desigualdade no universo educacional de crianças negras e brancas, a autora remete a estas desigualdades através da análise dos dados de 1982 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, a última a abordar especialmente o tema educação. O PNDA mostra-nos que 71,4% das crianças brancas que freqüentavam a 1° série do 1° grau em São Paulo foram aprovadas, proporção esta que cai para 59,4% para crianças negras (incluindo pardos). Uma em cada 10 crianças negras abandonam a 3° série do 1° grau. Sendo que essa proporção para crianças brancas é de uma para cada 20 crianças. Entre crianças de mesma idade e mesma renda familiar, a percentagem de crianças negras atrasadas é sempre maior do que a de crianças brancas, dados estes que nos expõem a mística de nossa suposta democracia racial.

ROSEMBERG e PINTO (1988) afirmam que os negros freqüentam quase que exclusivamente a escola pública: 97%, e em pesquisa sobre as trajetórias escolares de estudantes negros e brancos constataram que,

> *"A intensidade das diferenças notadas nas trajetórias escolares e no rendimento escolar dos segmentos raciais, bem como a alta incidência (em números absolutos e relativos) de crianças e jovens negros, repetentes ou excluídos da escola, instigam-nos a reiterar a necessidade de que os educadores, pesquisadores e planejadores, na área de educação, repensem prioridades e alternativas para o sistema de ensino à luz da discriminação racial."* (p 49).

Considerando a escola como instituição privilegiada na formação social de nossa crianças e jovens, seja pela obrigatoriedade ou pelos altos índices de sociabilização que a escola na atualidade proporciona, PINTO (1995) desafia para que os estudiosos se voltem para a Escola, procurando detectar a sua parcela de responsabilidade por essa situação de desigualdade presente na relações raciais no Brasil.

No trabalho de Gusmão (1990), onde estuda através do ponto de vista antropológico a identidade de crianças negras, a autora também reforça para a responsabilidade da instituição escolar em propagar aspectos legitimados da dominação branca e de destruição de uma consciência negra, negligenciando um efetivo trabalho com a alteridade que a diversidade brasileira necessita.

Pois a necessidade de compreender as práticas e representações do estigma racial no contexto escolar, vai ao encontro com da busca de uma escola efetivamente democrática, pluricultural, onde como afirma LOPES (1995:136) em sua pesquisa sobre socialização de crianças negras,

> *"(...) entendemos que a escola, na sua função de socializar e formar cidadãos, deve ser antes uma escola cidadã, propiciando a construção de mentes livres que percebam a diferença entre existir e sobreviver, libertando seus alunos da angústia do amanhã, dando-lhe espaço para serem pessoas. Educação é criar condições que permitam a percepção do significado da existência e tornem suas ações plenas de alegria de vidas compartilhadas, que ultrapassa o tempo, que a tudo pode destruir, menos a vida contida na teia de relações que constitui e fez florescer o seu interior."*

O negro na escola depara-se com as representações da sociedade pois, a escola, o ambiente escolar, por sua vez, não é um campo neutro, é um espaço sócio-cultural onde os conflitos e contradições convivem. As desiguais oportunidade de acesso entre os negros e brancos na escola aparecem em índices de repetência e evasão, e isso em relação aos aspectos formais, pois de forma velada a escola contribui de maneira significativa com a legitimação de preconceitos, estereótipos e a exaltação

de um modelo de beleza, branco-europeu presente nos currículos oficiais; sem falar no silêncio em relação à cultura afro-brasileira como determinante na formação da sociedade brasileira.

Um outro aspecto considerado como afirma PINTO (1987), é o de como a representação do negro no livro didático contribui de forma significativa com a perspectiva de exclusão que a escola proporciona, através do silêncio e estereótipos que representam uma de visão de mundo marcada pela ótica hegemônica branca.

LOPES (1995) afirma que a literatura referente aos povos colonizados e oprimidos cultural e intelectualmente tem nos afirmado que uma das formas de se exercer a autonomia, tanto individual como coletiva, é possuir um discurso sobre si mesmo.

Após o reconhecimento de nossa cultura racista evidenciado com uma vasta bibliografia, nos deparamos com o desafio de se combater o racismo no Brasil e esta postura vai de encontro ao reconhecimento qualitativo da cultura negra na formação brasileira, suscitando a um resgate cultural, buscando identificar no espaço escolar reais possibilidades de mudanças curriculares na proposta de construção e participação histórica do negro.

Como afirma GONÇALVES (1987), em um estudo realizado em São Carlos sobre socialização de crianças negras, a produção e transmissão do conhecimento na escola se não for mediada pela particularidade cultural das populações excluídas ou marginalizadas, como a população negra, tem se ai um sistema de ensino que perversamente exclui e as crianças negras que o sistema de ensino não conseguir excluir, castiga com práticas pedagógicas excludente e estigmatizantes provocando reclusão ritualizada em procedimentos escolares de efeito impeditivo, cujo resultado imediato é o silenciamento da criança negra, a curto prazo, e do cidadão, para o resto da vida.

A partir destas considerações buscamos compreender como se dá esta formação do preconceito racial no cotidiano atual, visando identificar, esclarecer e analisar à partir da percepção e apreciação dos sujeitos diretamente envolvidos, no caso específico do presente estudo a criança negra de uma escola da periferia de Campinas, atentando especialmente na interação com as crianças brancas do mesmo locus espacial, da mesma classe social.

Ao se buscar refletir acerca das práticas e representações que configuram o racismo no contexto escolar, especialmente as mensagens subliminares que se

constituem na maior contribuição para a consolidação de uma sociedade em seus diversos segmentos racista e excludente, visávamos aqui analisar como tais práticas e mensagens atuam na percepção da criança negra sobre si mesma e seu lugar no mundo.

Os questionamentos aqui presentes centraram-se em torno das desiguais oportunidades educacionais entre crianças negras e brancas; em como o estigma racial se constitui e contribui para a formação das representações, dos estereótipos de marginalizados e problemáticos. Até que ponto o estigma racial contribui para o fracasso escolar, considerando as pesquisas desenvolvidas sobre rendimento escolar desigual (citadas anteriormente), entre crianças negras e brancas, especialmente as oriundas das classes populares? Como as práticas e representações racistas estão incorporadas no nosso cotidiano e determinam o mapa da exclusão e das desigualdades sociais que sofrem o segmento negro da população brasileira?

E dentro deste panorama exposto a nossa perspectiva foi de contribuir com um trabalho educativo em relação à problemática racial buscando uma prática pedagógica transformadora de combate e desmistificação constante do mascaramento dos conflitos de cor, classe, étnico de nossa sociedade, dentro de contexto urgente e necessário de transformação social.

1.1 Trajetória de uma pesquisa...

A escola objeto de nosso estudo, situa-se em uma região não considerada periférica de Campinas, porém atende a uma clientela de baixa renda, proveniente de uma favela e núcleos pobres de uma região de classe média. É pública, da rede municipal, funciona em três turnos, atendendo a alunos do ensino fundamental regular durante o dia e supletivo no noturno.

Os sujeitos de nosso trabalho foram alunos das três 5° séries em funcionamento na escola no período da manhã, cada classe tem em média 35 alunos, brancos, pardos e pretos, sem grandes distorções nas distribuições entre as três categorias, na faixa etária que varia de 11, 12 a 15 anos. Não foi constatado em nenhuma das salas muitas disparidades em relação ao sexo das crianças, prevalecendo um certo equilíbrio entre meninos e meninas.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados, foram um questionário que visava um trabalho inicial com rodas de leitura, dois textos produzidos coletivamente entre estagiárias e professor, após pesquisa no Centro de Memória/Unicamp com personagens reais de nossa escravidão, um texto do Câmara Cascudo "Por que o Negro é Preto" in Contos Tradicionais do Brasil, o livro de literatura infanto-juvenil "Gente bem Diferente" de Ana Maria Machado e a dinâmica da escolha de animais, onde cada aluno escolhe um animal com que se identifica como representação da forma como acredita ser, focando a auto – imagem que cada sujeito possui de si mesmo.

Todas as atividades foram realizadas em sala de aula, em horário de aula, com duas distintas situações: com ou sem a presença, acompanhamento direto do professor.

Após um primeiro momento de inserção, como parte integrante do estágio obrigatório do curso de Pedagogia (realizado concomitantemente com a pesquisa), pudemos nos familiarizar-se com a escola e os sujeitos em questão e foram estabelecidas algumas aproximações, buscando proporcionar uma efetiva possibilidade de realizar as rodas de leitura.

As rodas de leitura como projeto pedagógico da escola, seriam realizadas como uma proposta alternativa, pois não consta no currículo oficial, vislumbradas como forma de incentivo à leitura. A iniciativa foi apoiada pela direção da escola e tentada

por outras estagiárias da Unicamp, mas acabou esbarrando na dura realidade das crianças das periferias, das escolas públicas, com acessos limitados, que lêem pouco e em muitos casos tem até aversão a leitura, afirmação constatada após conversas informais com os alunos durante o estágio.

À partir dos resultados do inventário de interesses[2] quanto à roda de leitura encaminharmos para um redirecionamento do trabalho, já que poucos se dispuseram a participar de rodas de leitura, sugerindo diversas outras atividades, como jogos, capoeira, qualquer outra coisa, etc...

As possibilidades fecharam-se dentro da perspectiva de trabalho em sala de aula, legitimado pela figura do professor. A parceria de trabalho de pesquisa com o professor ocorreu, considerando uma pré- análise do conteúdo trabalhado em sala de aula, onde o professor de História recebeu destaque por trabalhar com questões do período de escravidão no Brasil, aludindo de forma crítica ao racismo e ao preconceito contra o segmento racial negro como heranças perversas deste período da história brasileira.

Retomando a percepção da função ideológica da escola, como afirma FIGUEIRA (1993: 34) *"(...) a ação do professor ganha destaque. É ele quem transmite, a partir de sua posição de autoridade central na sala de aula, conceitos que serão absorvidos pelos alunos como conhecimento científico, conhecimento verdadeiro."*, desta forma o acompanhamento da produção de conhecimento em sala de aula, mas precisamente das aulas de história, ministradas pelo professor e pela pesquisadora na função de estagiária, passou a ser o foco de nosso estudo.

Isso resultou em um qualitativo redirecionamento, pois o trabalho com a problemática do preconceito, do racismo surgiu como conteúdo oficial, uma vez que legitimado pela ação do professor, mediador e colaborador para as posteriores análises e resultados de nossa pesquisa.

O procedimento em sala de aula com o professor foi de observação e de algumas intervenções sugeridas por ele, como no Dia Nacional da Consciência Negra, onde apresentamos para os alunos das três 5° séries o folder da Semana da Consciência Negra na Unicamp, relatamos algumas atividades, falamos de Zumbi dos Palmares e discutimos a contribuição da cultura negra na formação social brasileira. Esta atividade resultou em um trabalho desenvolvido e sugerido pelos alunos de confeccionarem uma bandeira contra o preconceito.

As atividades sem o professor foram viabilizadas pela consolidação de um trabalho coletivo entre seis estagiárias, contando a pesquisadora e o professor, onde se estabeleceu um trabalho efetivamente coletivo de planejamento das aulas até a ministrar as mesmas pelas estagiárias, resultando na apresentação de um poster/trabalho no I Encontro de Professores em Formação da Unicamp, realizado na Faculdade de Educação em meados de dezembro de 2000.

Foram realizadas diversas atividades no decorrer do segundo semestre de 2000, dentre elas o recorte da pesquisa que centrou-se em três atividades mediadas pela pesquisadora e analisadas posteriormente.

A primeira consistia em ler um texto com os alunos sobre um escravo da região de Campinas[3], que em meados do século XIX libertou sua mãe, após a leitura os alunos escreveriam cartas ao negro Izidoro personagem real, contando o que acharam da história e como eram suas vidas. Deste material foram separadas algumas cartas de crianças negras e brancas para a posterior análise do conteúdo. Esta atividade envolveu as três quintas séries e foram produzidas por volta de sessenta cartas, que foram todas posteriormente respondidas pelas estagiárias, com o intuito de possivelmente proporcionar maiores reflexões acerca da liberdade, da escravidão, do racismo e da construção destas desigualdades.

A outra atividade dividiu-se entre as três classes com diferentes conteúdos e procedimentos, inicialmente em uma aula dupla de 90 minutos, tentamos ler "Gente bem Diferente"[4], da Ana Maria Machado, numa tentativa de proporcionar uma roda de leitura em aula e buscar com que os alunos, ao entrarem em contato com a história de duas crianças que fantasiam a origem de sua família, acreditando que a avó é princesa, o avô é pirata, a mãe é fada e o pai um gigante, tudo com fragmentos de um cotidiano normal, pudessem soltar suas fantasias e representarem a visibilidade que têem de si mesmos. Poucos alunos ouviram toda a história, confirmando nossa afirmação inicial das dificuldades de trabalho com rodas de leitura. De qualquer forma, algumas produções de textos foram realizadas, sendo também posteriormente analisadas.

Na outra sala, em uma aula, ou seja 45 minutos, foi feito a leitura de "Por que o Negro é Preto"[5], um conto folclórico do Câmara Cascudo, uma alusão a mistificação

---

[2] Vide anexo 01 e tabelas.
[3] Vide Anexo 2.
[4] MACHADO, A. M. **Gente Bem Diferente**. Ilustrações Roger Mello. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
[5] Vide Anexo 3.

das diferenças biológicas de cor, bem como as fantasiosas explicações para as diferenças, transformadas em desigualdade e que permeia o imaginário popular; após a leitura cada aluno escreveu sobre o texto apresentado e discutido em aula.

A terceira e última atividade em aula dupla de 90 minutos, consistia em cada aluno escolher um animal com que eles se identificavam através de suas características de conduta, ou seja, esperto, veloz, cauteloso, etc.... Foi explicado que a atividade fazia parte da proposta de estudarmos história para sabermos quem somos, de onde viemos, e esta atividade entrava na perspectiva de buscarmos dentro de nós o que achamos que somos. A maior parte da classe negou-se a participar, o que pode estar evidenciando o quanto o conteúdo oficial da escola afasta-se do cotidiano e a realidade do aluno, algumas falas explicitavam esta afirmação *como "Nossa dona que viagem...o que nós achamos que somos?"*

As três atividades acima descritas foram aprovadas pelo professor e enquadraram-se na proposta de trabalho pedagógico, pois o trabalho além de observar as práticas e representações do estigma racial entre crianças/jovens negros e brancos em interação atentam-se concomitantemente para a formação da identidade destes sujeitos.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) referentes ao ensino de História e Geografia do Ensino Fundamental consta, que dos trabalhos com a identidade, visa-se a construção das noções de diferenças e de semelhanças, considerando os aspectos de compreensão do "eu" e a percepção do "outro", do estranho, que se apresenta como alguém diferente.

E conforme estudo sobre a identidade racial do segmento negro, SOUZA (1991:76) afirma que,

> *"O negro carrega consigo a sua cor e tudo que socialmente ela pode significar e esta fixa-se como parte de sua identidade pessoal, mas o que este estigma pode significar-lhe pessoalmente depende de como ele elabora sua situação e, aqui, entra a questão da identidade do Eu, que é, sobretudo uma questão subjetiva e reflexiva que deve ser experimentada pelo indivíduo, cuja identidade está em jogo."*

É importante salientar que todo o trabalho foi desenvolvido em sala de aula, inserido dentro do planejamento oficial do conteúdo de história trabalhado proposto para a série que trabalhamos, ressaltando que a pesquisa se deu dentro de um trabalho de estágio na escola e em parceria com o professor. Os textos foram lidos com as classes e discutidos com os alunos, porém ao pedirmos que eles escrevessem

sobre os assuntos tratados respeitamos a liberdade de cada aluno decidir se queria ou não escrever/participar da atividade.

A leitura de todos os textos era seguida de uma análise crítica, por parte do professor e/ou da pesquisadora, evidenciando os elementos de discriminação e preconceito presentes em cada texto. Tal sistemática foi muito importante, principalmente no texto de Câmara Cascudo, que representa um exemplo de explicação de natureza racial, sob uma ótica extremamente racista e assim o mesmo foi tratado.

Enfim o caminho configurou-se em um recorte, no sentido de aproveitamento do trabalho desenvolvido pelo professor, no conteúdo oficial escolar, onde criticamente o movimento foi de estudo do bairro, antiga fazenda de café, o bairro onde construiu-se a escola, as casas - que na maioria - foram levantadas num processo de ocupação irregular, caminhando para um processo de percepção do passado, utilizando técnicas de história oral com moradores antigos e documentos antigos, onde foi-se construindo a história do local para depois ir para os moradores e suas origens, entrando ai a questão da antiga fazenda de café e a questão da escravidão, onde surgiu a temática do racismo, do preconceito e as perspectivas de uma pesquisa participante mais efetiva.

Como afirma LOPES (1995), a escola na realidade realiza uma redução quanto à contribuição do negro, e pior, torna a etnia e a cor da pele irrelevantes, fazendo-as desaparecer da consciência.

Dentro da realidade silenciadora que a escola desempenha no trabalho pedagógico em relação a problemática racial brasileira, a perspectiva de a partir da história do bairro, atentando para a escravidão presente na herança histórica do lugar foi se desenvolvendo com os alunos a percepção de uma história viva constituindo de um passado que traz muitas relações com o presente, focando o processo de construção das práticas e representações do racismo.

1.2 - Algumas análises...

Inicialmente analisamos os dados referentes ao levantamento de interesses relativos à roda de leitura. Dos 25 alunos que responderam, por volta de 1/3 dos alunos das três quintas séries, 14 indicaram que gostam de ler, 03 que não gostam, 04 mais ou menos, 01 às vezes e 02 não responderam a esta pergunta. Conforme nas tabelas abaixo as questões abordadas foram satisfatoriamente respondidas, indicando em um primeiro momento um grande interesse por leitura, porém na prática quotidiana verificamos a dificuldade de realmente efetuarmos um trabalho de roda de leitura, conforme relatado anteriormente.

	Sim	Não
Livro	17	2
ornal	7	7
evista	15	1
ibi	15	2

Tabela 1 – O que gosta de ler

	Sim	Não
Romance	18	2
Documentário	6	8
Poesia	16	2
Entrevista	13	2
Aventura	18	2
Humor	14	1
Notícia	10	4
Biografia	5	7
Ficção	7	8
Crônica	4	1

Tabela 2 – Qual estilo literário

	Sim	Não
Amigos	17	2
Família	17	2
Sexo	8	7
Lazer	12	4
Música	18	2
Esporte	14	4

Tabela 3 – Indicadores de Interesse de Assunto

- **A história real de Isidoro o menino filho de uma escrava e seu senhor – Análise texto apoio**

Baseado em uma História Real mesmo que iniciando-se com "Era uma vez", que sugere ficção. A história trata de Isidoro – menino filho de uma escrava, nascido em Campinas em 1850, trazendo ao leitor a relação de temporalidade e lugar. Filho de Ana (Escrava), ele não é escravo, pois é liberto na pia batismal pelo senhor que somente após sua morte reconhece paternidade em testamento, uma reprodução da sua condição passada, uma vez que o senhor também era filho de mãe escrava, além disso, o senhor (Lúcio), não libertou as mães dos filhos reconhecidos. A herança de Isidoro fica sob responsabilidade de tutores, somente se dá o acesso com a maioridade, onde assina a liberdade da mãe, após a produção de emocionado documento por Isidoro. O texto centra-se na questão da condição social, a estrutura social acima da estrutura familiar que somente existia aos brancos, os negros são considerados como objetos.

A escolha do texto, extraída de documentos históricos do Centro de Memória da Unicamp, visava buscar reflexões sobre a resistência negra no período escravista, proporcionando outros olhares sobre a escravidão. Como sugere Pinto (1999, p. 211) ao analisar conteúdos em livros de História,

> *"Ainda que não se possa dizer que os livros endossem a teoria do escravo-coisa, muitos aspectos da resistência, poderiam ser mais bem explorados, pois este certamente é um dos temas que poderia respaldar um processo de desconstrução de certas imagens vigentes a respeito do negro na nossa sociedade."*

A questão do escravo-coisa, objeto, no decorrer do trabalho desenvolvido nas aulas de história, nos colocou perante a perspectiva de criticamente discutirmos a desigualdade historicamente construída nas relações sociais no Brasil.

- **A história real de Isidoro o menino filho de uma escrava e seu senhor – Análise produção das crianças**

(Atividade proposta: comunicação/carta das crianças para Isidoro, apresentando-se e comentando a história)

Nossa análise da produção das crianças partiu de dois focos, como eles se apresentam, gostos, "eu sou", "tenho", relação de lugar, "onde moro"; e como analisam a história, sentimentos, idéias, identificações. Analisamos 09 cartas, 01 não tinha condições de leitura e 01 além do texto criança/jovem produziu um desenho.

Quatro cartas iniciaram descrevendo onde moram, tentando contextualizar o mundo em que vivemos na atualidade, marcando a relação temporal da história no passado, falam da livraria, dos amigos, da família, citam a nossa cidade, a violência, e principalmente a escola.

Uma carta conta o sonho da aluna em ser cantora, ela através de um processo analógico analisa que se ele conseguiu libertar a mãe, portanto ela também poderá ser cantora. Outro coloca que gosta da vida que leva, fala da família pobre, que joga futebol em 3 clubes, mora com a mãe e irmão, e o pai é separado. Quase todas as cartas falam das coisas que gostam, como festas, jogos de bola, etc...Outro aluno narra que gosta de crianças e pessoas que convive, ama as pessoas como Deus. Um outro aluno, que gosta de nadar, aula de futebol, ficar vendo TV o dia todo, dormir muito, filme de ação, comer bem no sábado, piscina, shopping, vídeo game e sorvete. Quase todas as cartas acharam a história muito emocionante, uma carta chega a analogia de comparar-se como o personagem diz que "hoje é liberto, mas muitas vezes já foi escravo (?) como a mãe de Isidoro, que identifica-se com a história". Outra carta frisa que considerou a história muito triste, sofrida, comenta que ainda bem que Isidoro morreu para não ficar trabalhando o resto da vida. Um aluno escreveu que interessou-se pelo assunto, que ele deve ter muito amor pela mãe...mas porque o professor faltou?, desviando o conteúdo para a figura do professor, onde chega até a comentar a postura dele tendente, na sua percepção ao homossexualismo. Outro aluno diz que não tem muito a dizer, um dos poucos que não se apresenta, restringe-se a comentar que tempo ruim o da escravidão, analisando que acredita que hoje, no presente não tem mais isso. Duas cartas não falam nada da história, um diz que queria saber mais sobre a história e não faz comentários, outro porém fez um desenho com três escravos com expressões muito fortes, tristes em uma casa cercada, uma clara representação de prisioneiros em todos os aspectos.

De maneira geral pudemos perceber que os alunos consideraram a história interessante, porém não fizeram muitas ligações com o presente, em relação à questão do negro como objeto, somente um aluno negro identificou-se com o personagem, com a história, ao salientar que poderia ser escravo.

- **Porque o Negro é Preto – Câmara Cascudo**

O texto representa a questão racial numa perspectiva racista, inicia-se na questão da cor branca dos pés e mãos dos negros. Na história Cristo que anda pela

região do sertão do Brasil, depara-se com mãe com grande número de filhos, que sente vergonha e esconde-os metade deles em um quarto da casa, Cristo não entrando no quarto, pergunta o que tem lá dentro, a mãe responde que somente carvão e imediatamente recebe como castigo: a cor preta dos filhos. A revolta, tristeza o desgosto com essa situação é possivelmente solucionado com a alternativa de uma suposta purificação através do branqueamento, onde a mãe é aconselhada a levar os filhos para lavarem-se em um rio sagrado. O texto extraído da tradição popular oral representa o processo brasileiro de discriminação racial, onde o negro, tem o estigma da cor, associado a condição sócio-econômica condicionada a um "castigo" e através do branqueamento busca purificar-se, livrar-se da condição perversa e excludente da realidade brasileira deste a escravidão.

De forma alegórica o autor retrata o quanto a naturalização da desigualdade está marcada no discurso do senso comum. PINTO alerta para a necessidade de discutir as diferenças do campo biológico em uma perspectiva de construção social, buscando a desmistificação do discurso racista,

> *"(...) criticar as conotações que lhe são atribuídas pelo senso comum e, sobretudo compreender a utilização ideológica e política que se tem feito da raça e das chamadas diferenças raciais e, principalmente as conseqüências dessa manipulação, seja em nível individual, seja social..."* (1999: 213)

Concluímos com Souza (1991) em sua discussão sobre a manipulação de grupos excluídos, onde a questão racial está, portanto manipulada de forma a conservar os segmentos e grupos dominados dentro de uma estrutura já estabelecida e assim se confunde o plano miscigenatório, biológico, com o social e econômico. As oportunidades de trabalho e ascensão social não são idênticas para negros e brancos, mas joga-se sobre o negro a culpa de sua inferioridade social, econômico e cultural.

- **Porque o Negro é Preto?**

(Atividade proposta: escrever sobre o texto, baseado em trabalho/discussão em sala de aula a respeito dos discursos das diferenças presentes no senso comum.)

A visão das crianças sobre as diferenças, tem em 08 das 11 cartas um caráter religioso, determinismo de Deus. O tema da explicação da diferença proposto pelo texto preconceituoso do Câmara Cascudo, provocou algumas reações de indignação perante a conotação pejorativa que o texto assume na condição na negritude, da atribuição de cor enquanto castigo.

Duas narrativas não sabem bem, atribuem a cor a origem geográfica, *"nasceram assim lá na África"*, *"porque vieram da África, onde só tem negros"*, um cita que, *"aqui é uma mistura que não sabe explicar, é uma cor diferente"*.

"Porque Deus quis assim", apareceu em quase todas as cartas, como de certa forma confirmou a expectativa de divinização perante as diferenças, e uma perspectiva limitada de análise do ponto de vista de conhecimento biológico, porém o movimento interessante que observamos foi o de indignação e reação inconsciente, pois não citam o texto diretamente, mas colocam-se de uma forma mais geral perante o preconceito latente do texto. *"Os racistas não devem ficar falando deles assim"*, escreveu uma aluna frisando que não se considera racista, muitos parentes dela são negros, que para ela são muito legais, não brigam muito e são elegantes. Outro adverte que não devemos ter preconceito e desprezo, brancos e negros têm o mesmo direito, outro salienta enfaticamente que ele não tem preconceito.

De todos os textos de apoio, por ser o mais direto na temática do preconceito, um texto que coloca a questão do racismo à tona, foi o que analisamos que teve maior impacto com os alunos, tendo em vista que o trabalho foi desenvolvido em um contexto mais amplo, onde após a discussão da escravidão, foi-se para as heranças deste período (na história do lugar e principalmente na condição do segmento negro na atualidade) discutindo o preconceito diretamente.

Os resultados deste percurso de trabalho resultou-se na confecção de bandeiras contra o preconceito feitas em grupos pelos alunos e que observamos como uma prática de fundamental importância na representação da indignação das crianças perante as práticas discriminatórias racistas, alguns alunos que comumente não participavam de atividades coletivas em sala de aula, envolveram- de maneira surpreendente, as bandeiras foram expostas juntamente com outras produções na exposição de final de ano, para toda a escola e a comunidade.

Na nossa percepção e análise, as explicações divinizadoras que as crianças reproduziram nos textos apoia-se na *"(...) escola que tem sido predominantemente a afirmação de uma etnia, de uma perspectiva cultural, em detrimento das demais."* (KREUTZ, 1999: 92)

Também OLIVEIRA (1998), investigando o imaginário de crianças brancas e negras brasileira a respeito do branco e do negro, a partir de maquetes representativas de situação sócio-econômica, constatou que as crianças tendiam a explicar as desigualdades sociais a partir de desígnios divinos.

Porém cabe ressaltar que constatado no debate indignações e reflexões pelas crianças pudemos perceber o quanto há espaço e urgente necessidade de uma pedagogia para a desconstrução de representações negativas no trabalho pedagógico comprometido com a transformação de estruturas desiguais e excludentes em relação ao segmento racial negro.

- **Livro : Gente bem Diferente – Ana Maria Machado**

Os personagens são constituídos pela relação familiar, com avós, pais, filhos e netos. Gente igual – gente normal, eles não, eles são gente bem diferente. Os netos, um casal, narram a história de representação de uma estrutura familiar, comparando os padrões e as possibilidades de transgressões de papéis sociais. A avó igual, normal é descrita como nos livros de história, velha, inativa, que faz trabalhos manuais; a deles é ativa, trabalha numa floricultura, tem aparência jovem e comportamentos de relacionamento com os netos supostamente joviais. O avô primeiro é relacionado, ou melhor, comparado com estereótipo de avô, meio surdo e esquecido, o avô bem diferente, trabalha em um banco, é ocupado e importante. A mãe é diferente de todo mundo, primeiro porque é filhas de pais diferentes e depois porque trabalha em um hospital, cuidando de pacientes, só que a paciente da história é ela, mãe compreensiva e amiga, "que não enche o saco" como a mães dos amiguinhos da escola. Já o pai é aparentemente normal, grandalhão e desajeitado que chama Francisco, Chico, nome tão banal, conserta coisas e vive arrumando consertos pela casa e com os vizinhos, porém muito amigo e acolhedor com os filhos, um "paizão".

Os quatro personagens descritos pelas crianças são observados no cotidiano, onde pequenos gestos, ações isoladas, constituem possibilidade de interpretação para um mundo de fantasias, permeados por elementos das histórias de conto de fadas, histórias que marcam o imaginário infantil, a avó é como a Bela, que gosta de acordar com beijo; o avô um pirata, que dá dinheiro no banco e tem medo de lagartixas que lembram jacarés; a mãe tem mãos de fada e o pai ou é gênio que conserta tudo, ou um gigante.

A história sugere um ideal familiar, mas não chega a ter uma conotação moral negativa, e através da constatação de coisas simples do cotidiano que pela fantasia, busca estimular a criatividade. Trata também de questões de comportamentos e papéis social cristalizados, estereotipados no imaginário coletivo. Aborda algumas questões éticas, como roubar é errado. E fundamentalmente remete-os a pergunta

quem somos nós? Possibilitando um trabalho de estímulo a pesquisa e uma posterior fortalecimento da identidade.

A diferença é estimulada na percepção de construção de valores, mesmo que apoiada no "ideal" e que acaba escorregando parcialmente na armadilha de estereotipar comportamentos. De qualquer forma o texto sugere a construção da identidade de cada indivíduo através de uma observação do universo simbólico que as relações cotidianas podem ter no imaginário das crianças.

SILVA, em um trabalho sobre auto-representação de alunos negros de escolas públicas coloca a questão da representação que temos de nossa própria individualidade, através da representatividade do nome,

> *"A pergunta Quem é você? nos remete a nosso nome. Que significação tem o nome própria para a pessoa humana? Todos nós temos necessidade de nos destacarmos da multidão, de sermos individualizados. O nome é a marca da singularidade: eu sou único, não existe um "Outro", que me seja igual, que possua as mesmas características, os mesmos desejos, os mesmos sonhos."* (1993: 152)

- **Gente bem diferente. Ana Maria Machado**

(Atividade proposta: escrever sobre "Quem somos nós?")

Nossa análise centrou-se na caracterização de família, as pessoas que aparecem (pai, mãe, irmãos, tia, madrinha) e amigas legais, dois casos com tia/irmã chatas, das 11 cartas analisadas, somente 02 não citam nada da família, os atributos geralmente são positivos, somente 01 caso cita que os pais são separados. Falam da escola, do trabalho, de onde os pais vêem e do que gostam de fazer jogar bola, passear...

O modelo de família que aparece no texto da Ana Maria Machado, marcada pela diferença em cima de estereótipos não apareceu de forma explícita nos textos, somente duas crianças denominam-se "normais" e "comum".

De maneira geral podemos avaliar que os textos produzidos pelas crianças foram superficiais, mas que puderam estabelecer um canal de comunicação para que eles se colocarem como gente comum, porém com sua especificidade, o texto livre, com a proposta de dizer quem somos nós, abriu a perspectiva de cada um pode ser o que quiser.

Evidentemente nos textos produzidos pelas crianças, não encontramos muita fantasia, a maioria restringiu-se a narrar o que são, dentro de uma perspectiva limitada.

Em uma narrativa o aluno coloca que o olhar sobre a sua família é de que eles são diferentes em pensamento, mas no coração quase iguais, o pai, a mãe e cinco irmãos, que pensam diferentes, mas tem bons corações, ele gosta muito de todos, diz que gosta de jogar bola, mas tem um problema é pequeno, quer crescer para jogar. Outro coloca que seus pais são muito bons, frisa a importância da escola e que gosta de jogar game, bola e principalmente Tae Kondo, pois é vice-campeão, outro inicia dizendo que se considera um menino alegre, que gosta de andar a cavalo, jogar bola e estudar de vez em quando, cria animais, da família quase não fala, não fala da mãe, cita o tamanho do pai, inclusive o pé (grande). Em outra o aluno diz que é um jovem que está namorando, fala que o pai, a mãe e ele trabalham no comércio, as duas irmãs em restaurantes, fala da chácara da família e as coisas que possuem...conta do trabalho dos tios e a recompensa, um churrasco após o término do trabalho na chácara; Outra aluna fala que tem dois irmãos muito amigos, é muito quieta, sossegada, os pais até reclamam, é sonhadora, apaixona-se fácil, sentimental, abre-se com a mãe e as amigas que guardam segredo; outro fala que cria galinha e ai alguns chamam-no de Zé Galinha, frisa que não liga, não fala nem da família, nem de si mesmo, fala da escola, que os próprios alunos destroem. Uma aluna começa dizendo "não tenho muita coisa a contar" e realmente não conta, reclama do passeio com o professor do ano passado e que a escola é muito chata, não diz nada de si e nem da família. Em outra narrativa a aluna descreve-se fisicamente, e fala de se considerar normal, tem uma sobrinha e uma amiga que gosta muito, ama os pais, que são legais e reclama muito da irmã; outro fala da importância da escola, que gosta de brincar com quem é legal...e que já teve muito problema na vida, que ele não especifica mas agora está bem e feliz; outra aluna diz que é uma menina comum, sem frescura, gosta de criança e de passeio da escola, não gosta de serviços de casa, da tia e da cara de algumas pessoas...os pais são separados , a mãe veio do nordeste e o pai ela não sabe e não liga, tem três irmãos. Interessante é o aluno que narra em terceira pessoa, contando o sonho em ter um cavalo, a mãe que não tem dinheiro, a madrinha que dá um gato, que dá cria, e o pai que tem um pastor que ataca o gato...e a continuação dele, enquanto personagem a sonhar com um cavalo, "para dar um rolê".

Não foram encontradas nas narrativas muitas variações, centraram–se em descrições sem maiores explorações, relações de origem dos pais, afetividade com familiares, o que gostam e o que desejam, em duas narrativas pudemos observar a transição da adolescência bem definida ao salientar o namoro e a paixão constante.

- **Escolha do animal.**

Nesta atividade foi proposto que as crianças/jovens escolhessem um animal que se identificasse e colocasse os atribuições desta escolha, visamos com esta proposta estabelecermos a possibilidade de dados de auto-representação das crianças.

Dez alunos escreveram os animais que identificavam-se ou desejavam seus supostos atributos, os que apareceram sem repetições entre as crianças foram o cachorro, o ramister, leão, a onça , gavião, a águia, o bicho preguiça, a pantera, o leopardo e uma gatinha. Os atributos que aparecem são a beleza, a afetuosidade, o humor, a braveza, a fidelidade, a liberdade, a habilidade, a esperteza, a velocidade, a lealdade. Interessante ressaltar alguns atributos mais específicos como o desejo pelo silêncio, pelo conhecimento, pela facilidade de conseguir as coisas, as conquistas e a liberdade de ir e vir, bem marcada em uma narrativa, o aluno identifica-se com o ramister que tem pois ele apesar de estar aprisionado em uma gaiola, foge quanto pode "para dar um rolê", assim como ele (o aluno) foge das pessoas.

Um aluno escreveu sobre o desejo e o temor ao falar do perigo que cerca o animal que escolheu, dois alunos até colocarem-se na narração como o animal escolhido.

Dentro da questão do desejo observamos que as características afetivas e de intelecto apareceram com mais freqüência que as físicas, mesmo no caso do desejo expresso de voar para conhecer mais sobre o mundo ou para escapar das pessoas, da gaiola e poder passear, a relação com a liberdade e a força foi bastante marcada.

1.3 – Provocando reflexões...

Encerramos as atividades de pesquisa na escola sem chegamos a uma conclusão, pois a dinâmica e a complexidade de propostas de trabalho a cerca da problemática racial no Brasil, a priori não nos possibilita uma conclusão, mas muito nos remete a caminhos tortuosos de profundas reflexões.

Por um lado a enorme dificuldade de pesquisar a escola pública, principalmente questões relativas à discriminação racial, um tabu refletido no ambiente escolar pelo discurso da democracia racial e bastante consolidado no senso comum da maior parte da população brasileira; na trajetória da pesquisa, pudemos presenciar um aluno de uma das quintas séries, de 14 anos, branco, discutindo com duas alunas negras da mesma idade, onde elas o acusavam de racista e ele negava enfaticamente, no meio da discussão, ser ou não ser racista, uma delas falou *"Você não gosta de preto, diz que tem amigos pretos, mas somente convive com eles porque está rodeado de pretos."* Ou segundo o relato do professor de história, que ao fazer um passeio pelo bairro com as crianças, com a finalidade de através da História Oral trabalhar com a memória do bairro, ouviu de uma aluna "morena" de uns doze anos, *"Olha professor aquela casinha lá em cima no morro é onde moro, é pobre mas limpinha, aqui em embaixo é sujo, onde mora os pretos."*, o professor ao perguntar a ela se os pretos eram sujos, aludiu a temática do racismo em aula, dos estereótipos "negro burro", "negro sujo", esquivando-se, a aluna disse que não era o que queria dizer.

Ao nos propormos discutir a discriminação racial à partir da visibilidade, da cor, da evidência da corporeidade do sujeito negro, nos deparamos com a complexidade da dialética de uma sociedade de classes profundamente desigual. A escola situa-se em um bairro de classe média, porém seus alunos são na grande maioria pobres, os referenciais de consumo e de modelo hegemônico branco estão presentes.

E dentro desta perspectiva o estigma, a cor é carregada de muitas variáveis presentes neste universo marcado por muitas carências sociais.

Ao trabalharmos com o texto "Porque o negro é preto", nosso objetivo era de através de um dos textos mais explicitamente racista da tradição oral brasileira possibilitar uma discussão real de como o racismo apresenta-se em nossa sociedade, como algo natural, divinizado de uma maneira perversa, pois como que o apartheid

social e a condição deliberada de exclusão, de desigualdade do segmento racial negro é comumente aceita.

A dificuldade de se discutir racismo no Brasil, um país construído em cima de mitos, é um tabu, colocar o racismo explicitamente na sala de aula também o é, porque muitos acreditam que psicologicamente prejudica a formação das crianças, e em cima de passividades ou mascaramentos continuamos a reproduzir, ou mesmo apaziguar constantes conflitos.

> *"O processo de conscientização se dá a partir da percepção da discriminação de que é vítima o negro, na vivência e também com outros negros que convivem com ele. Inicia-se com o questionamento da diferenciação que ele sofre em diversas situações sociais. Sendo a escola, o primeiro local em que esses negros, em geral, experienciam situações constrangedoras de preconceito, seja na forma de piadinhas, seja na negação das próprias características culturais e até físicas ou na sua própria inferiorizarão."* SOUZA (1991: 150)

Pesquisar o estigma racial, suas práticas e representações, dentro da conjuntura problemática da escola pública, de periferia e seus inúmeros conflitos de classe, bem como das suas inúmeras deficiências materiais, alunos desmotivados, professores mal preparados e principalmente as barreiras que envolvem uma crítica discussão, reflexão sobre as desigualdades inicialmente dificultaram, mas também foram catalisadores para uma efetiva pesquisa-ação, e para nos mostrar a urgente necessidade de buscarmos através de pesquisas, trabalhos acadêmicos, estágios..., fomentar as discussões sobre os conflitos da sociedade em geral, que refletem na escola e perversamente mascaram a formação da identidade de crianças estigmatizadas pela sua cor, sua classe social, pela suas diferenças produzidas historicamente como desiguais.

De qualquer forma acreditamos que a pesquisa foi extremamente importante tanto na formação da pesquisadora enquanto educadora em processo contínuo de formação, bem como ao professor de História que após o trabalho coletivo com as estagiárias inscreveu-se no programa de mestrado da Faculdade de Educação/Unicamp e principalmente aos alunos que puderam ter acesso crítico a construção histórica do preconceito e do racismo, participando no final do ano de uma exposição das produções deles durante todo o ano, bandeiras contra o preconceito, textos contra a escravidão e eles enquanto sujeitos que estão na história e fazem parte dela, produzindo conhecimento que permita, que dê visibilidade ao que eles vêem do mundo em que estão inseridos.

Capítulo 2
Tempo de Imagens

Após a finalização do trabalho de pesquisa da iniciação científica e em fase de transição para a elaboração da monografia algumas questões permaneceram latentes em nossas reflexões em relação ao estigma racial, especialmente em relação a representação e a visibilidade do negro no Brasil.

Concomitantemente ao término das atividades de iniciação científica o envolvimento mais intenso com o grupo de pesquisa da Faculdade de Educação, OLHO (Laboratório de pesquisas Áudio Visuais) foi fundamental para as posteriores reflexões, neste período também elaboramos um questionário que foi aplicado às crianças envolvidas na pesquisa na escola, sobre o que elas assistem e que trataremos da análise mais adiante.

Das discussões a cerca da educação visual, do mundo repleto de imagens e sons em movimento, considerando particularmente o cinema instigou-me a seleção de dois filmes que posteriormente pensava em trabalhar "O Òdio" (La Haine, França, 1998) de Mathieu Kassovitz e "O Fio da Memória" (Brasil, 1994) de Eduardo Coutinho, ambos discutem a temática do preconceito e a problemática da questão racial, mas acabei não elaborando nenhuma análise ou trabalho sistematizado, pois o que mais me entusiasmou foram os filmes do diretor afro-americano Spike Lee, em especial "A Hora do Show" (Bamboozled, EUA, 2001), seu último filme lançado no Brasil, que aborda a questão racial e a televisão no contexto da poderosíssima indústria cultural americana e configurou-se como uma espécie de suporte inicial, trazendo-nos questões importantes para os trabalhos desenvolvidos posteriormente.

Após a pesquisa na escola e o olhar centrado nas imagens, mídias, TV...onde como Oliveira Júnior (1999) que remete a Pier Paolo Pasolini o cinema surge como uma imersão e participação mística, uma liturgia de luz onde o tempo não se atém a uma veracidade histórico mas sim a uma verosimilhança, que fabrica a verdade, ou melhor uma verdade, para nós uma verdade sob o racismo em um lugar do mundo, buscando sentidos para nossas cruéis realidade, onde possamos...

> *"(...) captar os signos que compõem suas narrativas na própria realidade, o Cinema em sua tentativa de dar um sentido as cenas e filmes, a complexidade e polifonia das coisas reais."(p.36)*

E a partir disto buscamos no cinema de Spike Lee a arte da memória contra o racismo, uma arte de representação, uma alusão estética e política do real.

Considerado para grande parte da crítica o mais recente manifesto cinematográfico de Spike Lee, com uma estética repleta de cor e fúria, o filme com o título original **Bamboozled**, a palavra que dá o título original é muito usada na linguagem coloquial, quer dizer a mesma coisa que "tricked", algo ou alguém que trapaceia ou é vítima de engano, de embuste, de trapaça, conforme fala do diretor veiculada na mídia especializada *"A sociedade dos brancos gosta de dizer que somos malandros, mas eles é que agem com malandragem conosco, para nos manter a margem."*

A narrativa filmica retrata um funcionário (único) negro de uma rede de televisão americana, que faz programas para a classe média negra americana ou o público consumidor negro e que é chamado junto ao diretor da emissora para elaborar novos programas que tenham "mais a ver" com o negro americano, o diretor branco obviamente aparece todo revestido por uma clamação da esteriotipia do universo do negro americano (com o universo simbolicamente resguardado no mundo do rap, dos esportes e do crime) e tendo o desafio de aumentar a audiência da TV.

O personagem após uma reflexão equivocada da questão racial, uma vez que inicialmente tem-se uma intenção de provocar o debate, de rever os lugares sociais, consegue através de uma releitura de programas de menestréis da década de 20, altamente racistas e repletos de estereótipos, levantar a audiência a custa de um debate alienado do lado do público e intolerante pelos ativistas raciais. É interessante o retrato de um protagonista em conflito com a questão racial e sob o dilema de submeter-se a uma ótica branca dominante e humilhante em seu processo de negro em ascensão social nos EUA.

Portanto temos preocupações políticas, sociais e antropológicas já tratadas em filmes anteriores do diretor como "Faça a coisa certa" (Do the right thing, 1989) e "Febre na Selva" (Jungle Fever, 1991) onde Lee aponta a questão racial na amplitude que a problemática merece, atingido negros e brancos na mesma intensidade do caos de intolerância que permeiam as relações inter-raciais.

O filme pisa fundo no mito da democracia racial americana, disfarçada não como no Brasil pelos grandes índices de miscigenação, mas sim calcada no capitalismo clássico, negros como consumidores, com produtos específicos

(construção mercadológica em processo no Brasil) visibilidade e lugares marcados...mas não como atores políticos.

A proposta exposta pelo diretor é mostrar que os negros americanos foram escravos por 300 anos e libertos continuaram a ser estigmatizados pela cultura da imagem. Cultura da imagem produzida e refém dos interesses do mercado, que no Brasil no lançamento do filme tivemos uma cópia em São Paulo contra a aventura de Lara Croft-Tomb Raider com mais de cem cópias, Spike Lee afirma *"Isto é Hollywood"* , indústria que detém hegemonia estética na cultura de massa.

O filme concorreu no festival de Berlim, recebeu críticas severas de radicalismo e até colocações que sugerem um certo racismo as avessas por parte do diretor, porém o filme é contundente no seu discurso cinematográfico, por vezes ácido, mas que traz à tona reflexões que visam não um ressentimento negro e sim tematizar a problemática racial sob todos os ângulos, critica os brancos, os negros que se vendem a até mesmo o movimento negro enfraquecido pela falta de unidade e convicção ideológica, desmitificando claramente a união e a força do ativismo racial.

De certa forma o filme traz um pouco do "óbvio ululante", incomoda, como na seqüência final, um trágico ritual de sangue e dor, seguido de imagens que finalizam o filme com cenas de arquivo da televisão e do cinema com representações históricas de racismo juntamente com brinquedos de cunho racista que vão se acumulando no escritório do desolado protagonista.

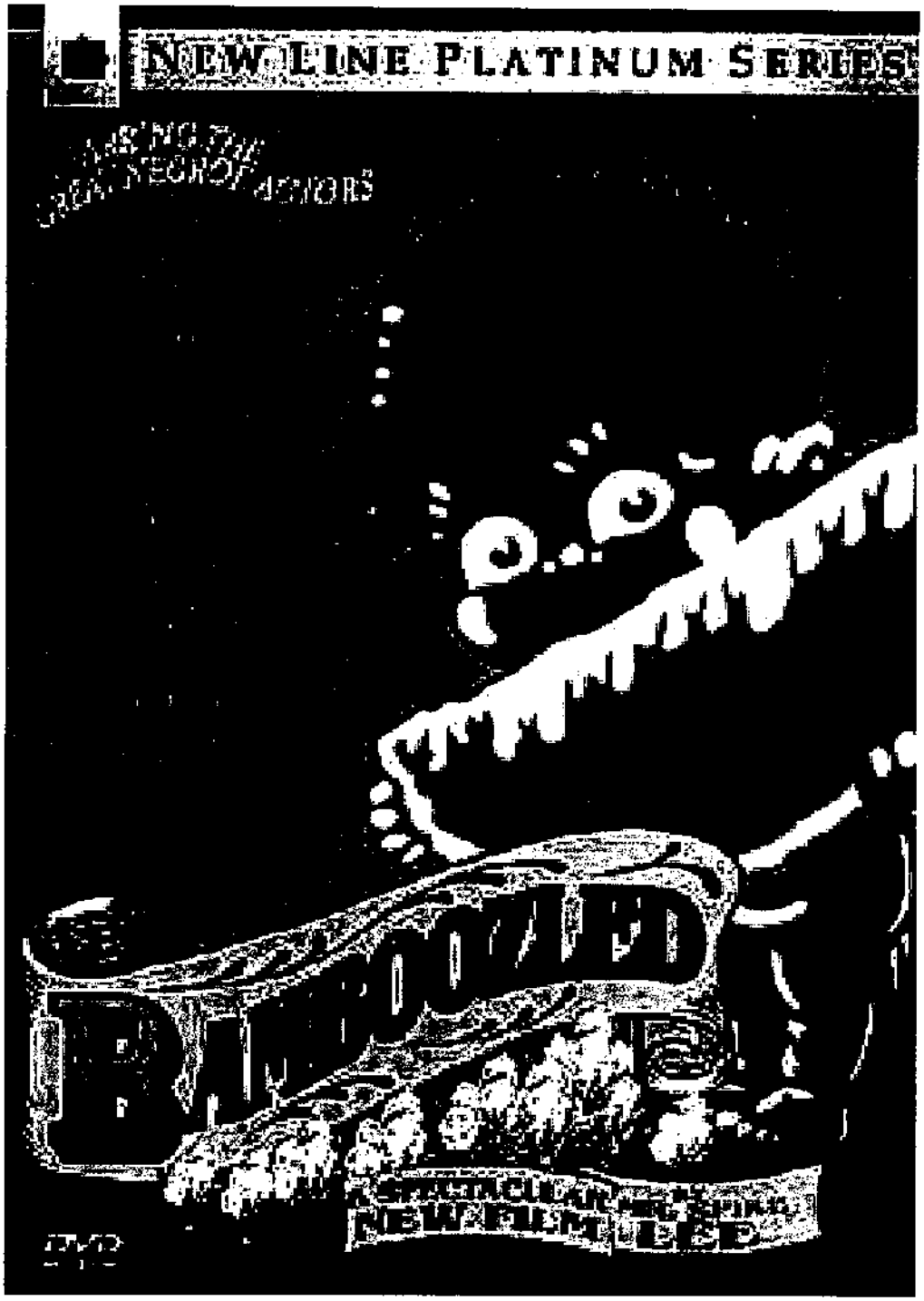
O diretor em recente entrevista cita o Brasil, remetendo as origens em comum, ao trabalho escravo vindo do mesmo berço africano, afirma que a nossa democracia racial é uma ficção barata e lembra uma visita que vez ao Brasil onde *"Ficava muito surpreso ao ligar a TV e ver todas aquelas apresentadoras loiras de olhos azuis, acho que até no norte da Europa há mais diversidade."* Ironiza.

Spike Lee é uma poderosa voz no cenário americano de combate ao racismo, nosso cenário brasileiro é outro, com outras vozes, talvez não tão poderosas e com outras problemas de definição e articulação, estudos atuais ou mesmo um acompanhamento mais atento nos coloca o embate racial americano como um certo referencial, não adotado opcionalmente mas com grandes riscos de uma transmutação perversa em nossa estrutura social, onde a diversidade nos impõe outras reflexões e uma luta política intensa, que vise atores políticos e não consumidores, não migalhas de lugares a o sol, uma suposta inclusão para os mais aptos, para alguns negros e sim espaços de cidadania plena, e isso passa pela questão

racial mais vai além das cores, mas as suas imagens nos provocam para nossas construções sob o negro no Brasil.

2.1 - Cenas do filme "A Hora do Show"

2.2 - Cartaz de divulgação do filme, esteriótipos racistas...



2.3 - Vive la différence

www.salon.com/ent/col/vowe/ 1999/06/30/sam/cov_sam.jpg

Capítulo 3

Nosso olhar sobre a televisão

Busquemos na nossa memória que iniciamos nossas análises a partir do Estigma (GOFFMAN, 1975), conceito este inventado pelos gregos que tinham muitos conhecimentos em recursos visuais, estes utilizados para marcar negativamente os lugares sociais.

Almeida (1999) em seu trabalho sobre a "Câmera da Memória" nos expõe em como os estudos sobre a forma/percepção do olhar moveram a pintura, posteriormente a fotografia e o cinema , reinventando ou melhor criando formas de representar o real, ou construir o real, nos envolver numa criada "realidade".

> *"Aquele aparato intelectual e técnico , pensando como ciência, objetivamente produzido para aprisionar o real, reproduzi-lo e afirmar-se como sua única e competente representação é a Perspectiva. (...) Ao produzir-se como teoria e prática de representação do real, neutra, lógica e científica, produzirá ao mesmo tempo, em ilusão geométrica e matemática, a estética do poder burguês laico e religioso. Como Ciência, produzirá os instrumentos para o enquadramento do real e tornará locais republicanos, burgueses, nobres, tirânicos em LOCAIS e IMAGENS inesquecíveis de riqueza e pobreza, felicidade e tragédia. Como e com a Ciência, constituirá a forma dominante de representação do real e ao longo do tempo, serva constante da Política, será O real."* (ALMEIDA, 1999:123-124)

A televisão herdeira direta do avanço tecnológico das técnicas de representação do real, nos é hoje cotidiana, mesmo em conseqüência de uma possível "democratização" do acesso aos meios de comunicação, ou talvez uma forma de instrumental Político de manipulação e dominação, de qualquer forma pesquisas nos demonstram que a grande maioria dos lares possui televisão, meios de comunicação para as massas, informações sem reflexões.

Esta representação do real que invade os lares, que preenche o cotidiano de todos, classes sociais distintas vais educando-nos conforme a sucessão interrupta de imagens e sons do real, formando as pessoas, a grande maioria da população.

Almeida (2001) nos remete à educação visual que as pessoas vêm recebendo , onde as pessoas educadas nesses meios de comunicação paras as massas, vão deixando o exercício de pensar, tornando-se dia após dia receptores de imagens e sons, sem o tempo de reflexão, onde as pessoas - espectadoras vão recebendo informações, sem pensar... um mundo a ser referendado como a verdade, como o real.

"Imagens e sons são simulações do real, que se tornam reais devido a suas identificações com o real, que se tornam reais devido a suas identificações com a oralidade da fala, com a simultaneidade dos tempos do espectador e das imagens, (...) É fácil pensar nas conseqüências politicas e culturais disso, principalmente se atentar-mos para o fato de que a sociedade de massas é uma sociedade de visibilidade: adquire caráter de verdade instantânea aquilo que é mostrado, visto, ouvido. (2001, 45-46)

Nossas indagações em relação a representação e visibilidade do negro no Brasil, as construções produzidas de forma desigual visando a homogeneização, a imposição de uma estética hegemônica, branca, européia, e a televisão em nossas considerações e observações a cerca da problemática da identidade negra, surge na compreensão de como se tem a especificidade de distrair, formar e educar servindo como um instrumento de formação política que recria o real

3.1 – O que nossas crianças assistem...

No final da pesquisa na escola e com as aproximações com estudos audiovisuais, elaboramos um questionário onde pudéssemos identificar nas crianças/jovens da escola as preferências relativas a programação da televisão.

Os sujeitos desta nova pesquisa foram as mesmas crianças que trabalhamos anteriormente, dividimos o grupo conforme as classes que elas estavam (duas sextas séries com alunos provenientes das três quintas séries do ano anterior), configurando-se em grupo A e grupo B. O grupo A teve 22 alunos respondentes, sendo 10 meninos e 12 meninas, sendo 04 meninos brancos, 06 meninos pardos, sendo 02 meninas brancas, 10 meninas pardas. No grupo B foram 27 alunos respondentes, sendo 12 meninos e 15 meninas, sendo 01 menino branco, 09 meninos pardos e 02 meninos pretos; entre as meninas 04 eram brancas, 10 pardas e 01preta.

Quanto a presença da TV no cotidiano dos sujeitos, constatamos que no grupo A todos tem ao menos 01 televisão e todos tem acesso e dividem com os familiares a escolha dos programas (pai, mãe, avós, irmãos), 01 sujeito escreveu que não gosta muito de TV e 01 tem restrições na escolha da programação; 14 responderam que assistem TV todos os dias, 02 que não, 04 que mais ou menos, às vezes e 01 não respondeu; 15 assistem dois períodos (geralmente manhã e noite, uma vez que estudam no período da tarde), porém 02 responderam que assistem os 03 períodos (?) e 04 somente à noite.

A tabela abaixo apresenta os tipos de programação indicada pelos sujeitos:

Grupo A	Total	♀	♂
Filme	21	12	09
Desenho	17	09	08
Jornal	12	07	05
Novela	18	12	06
Auditório	13	11	02
Esporte	11	04	07
Seriado	12	08	04
Outro	03	01	02

Tabela 1 – Programação indicada seguindo o sexo dos sujeitos.

Programas Indicados:

- Domingo Legal (Gugu), Faustão, Raul Gil, Super Positivo, Caldeirão do Huck, TV Fama, Te vi na TV, Altas Horas, Mega Tom;
- Planeta Xuxa, , Angélica, Eliana, Sandy e Jr.,
- Casseta &Planeta, Turma do Didi;
- Video Show, Tela Quente, Clipper, Dragom Ball, Cine Privè;
- Novelas: Um anjo caio do Céu, Porto dos Milagres, Serafim, Éramos 6, Camila...

Ao listarem os 03 programas de que mais gostam surgiu uma grande variedade, eles assistem muitas coisas diferentes entre si, observamos que há tantas possibilidades com uma programação ruim mais diversificada, muitos programa de auditório (principalmente Domingo Legal), desenhos, programas infantis e novelas principalmente as globais (muitos indicaram as novelas em exibição no período de coleta dos dados, Porto dos Milagres e Um anjo caio do Céu).

No item onde pedíamos para comentarem ou desenharem sobre os programas que gostam 04 responderam que não tinham o que comentar, 04 deixaram em branco e o restante 14 alunos justificaram, defenderam suas escolhas... *"Eu gosto do Domingo Legal porque tem muitos assuntos abordados."*, outro *"Eu gosto desses programas citados acima (Domingo Legal , É show, Domingo da Gente), por que em dois deles os sonhos das pessoas são realizados. Há muita emoção, música e comédia."*

No grupo B dos 27 respondentes 25 possuem televisão e somente 02 (meninas) responderam que não tem TV e portanto não escolhem a programação e não tem horários, porém 01 delas escreveu que é evangélica e por isso não assiste mais, pois antes da família virar "crente", gostava de assistir desenhos. Neste grupo já não aparecem tanto os familiares na escolha dos programas, 18 responderam que eles mesmos escolhem os programas; 23 responderam que assistem TV todos os dias, 01 deixou em branco e 01 escreveu que não; entre os meninos 11 assistem dois períodos (manhã e noite), e 01 somente à noite, já as meninas 03 somente 01 período – noite, 08 manhã/noite e 02 todos os períodos, ou seja o dia todo (?).

Grupo B	Total	♀	♂
Filme	22	11	11
Desenho	23	12	11
Jornal	10	04	06
Novela	18	13	05
Auditório	11	07	04
Esporte	11	03	08
Seriado	08	06	02
Outro	01	-	01

Tabela 2 – Programação indicada seguindo o sexo dos sujeitos.

Programas Indicados:

- Domingo Legal (Gugu), O Positivo, Caldeirão do Huck, , Altas Horas, Faustão, Jô 11h30, Falsidade Anônima, Super Pop, Mais Você;
- Planeta Xuxa, , Angélica, Eliana;
- Casseta &Planeta;
- Questão de Opinião;
- Castelo Rátimbum;
- Novelas: Um anjo caio do Céu, Porto dos Milagres;

Tabela 2 – Programas específicos mais indicados.

Assim como no grupo A, observamos que a turma B variou consideravelmente nas escolhas dos tipos de programas, porém a programação específica variou menos que o grupo A, conforme exposto no quadro B.

No item para comentários/desenhos tivemos 05 respondentes que deixaram em branco, 05 que escreveram que não tinham nada a comentar, 06 que desenharam [sobre futebol (02), música, desenho animado e sobre o Castelo Rátimbum (2)] e 09 justificaram ou defenderam suas escolhas *"Auditório, o questão de opinião eu gosto porque o programa questiona várias coisas e vai muitos cantores e artistas."*, outro *"Angélica o programa dela é super legal é D+..."* ou *"Logo quando acordar ir para a sala e assistir Eliana e Alegria até meio dia..."* ou seja TV, TV, TV...

Enfim o que pudemos observar nos dados coletados das suas salas é o quanto a TV está presente na formação da esmagadora maioria destas crianças/jovens, assim como é facilmente detectável que esta formação para muitas delas está no binômio escola/televisão com este veículo preenchendo a maior parte do tempo cotidiano delas.

Após esta coleta e primeiras aproximações procuramos definir uma programação para análise, o aspecto fundamental para nossa escolha acabou partindo de contexto específico, o fato de termos uma novela de sucesso com grande audiência em exibição, com um núcleo negro com considerável visibilidade. Dentre a programação citada observamos que entre os programas de auditório, desenhos e programas infantis a telenovela apareceu significativamente e foi se configurando como o espaço na programação que poderíamos buscar o negro e atentar para sua representação e a visibilidade que possuem.

A partir disto focamos nosso olhar na telenovela, assistida por 36 dos nossos 49 respondentes, sem muitas disparidades entre meninos e meninas, nossa escolha também parte do pressuposto de como a novela aparece na escolha das crianças, observando ao fato de que muitas vezes assistem a novela no horário nobre com a presença da família reunida e todos compartilham do mergulho naquelas imagens e sons.

Outro aspecto por nós de suma relevância foi o acesso ao rico trabalho produzido por Joel Zito Araújo em sua tese de Doutorado defendida na ECA/USP e intitulado **"A Negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira"**, o autor além de professor é cineasta e considerado pela imprensa especializada um Spike Lee à

brasileira, que além do livro, produziu e dirigiu o documentário que leva o mesmo título do livro e vem gradativamente ganhando espaço na mídia.

Seu trabalho vem provocando um importante debate e considerável contribuição na luta contra o racismo (na sociedade brasileira e certamente válido para muitas outras...) através do resgate histórico da telenovela brasileira, com suas origens, heranças, finalidades e o olhar sobre o negro que aparece nessas histórias que compõem a educação visual de grande parte da nossa população .

3.2 – Telenovela e onde estão os negros....

A telenovela no Brasil surge como um produto conveniente para as exigências de um mercado consumidor em formação, herdeira dos folhetins cubanos e posteriormente mexicanos do séc. XIX e da radionovela, foram patrocinadas e criadas sob os ditames da indústrias multinacionais de higiene pessoal, com seus discursos predominantemente de teor publicitários, conforme Araújo (2000).

Originária do rádio pode ser considerada uma forma de arte popular, uma peça dramática que através de uma ficção seriada, narra acontecimentos do cotidiano, onde a ordem cronológica e a linearidade da trama progressivamente vem copiando ou recriando a realidade nas telas da televisão.

Produto altamente lucrativo da indústria cultural contemporânea, configura-se como rápido e poderoso difusor de comunicação e penetração entre as massas, no caso da telenovela brasileira tem-se ai um dos maiores produtos da indústria cultural do nosso país, nosso produto cultural mais divulgado no exterior, exibida em países da Europa, Ásia e América, é também na avaliação de alguns estudiosos da comunicação e de outros campos do saber, uma forma de representação que retrata nossas características socioculturais.

Estudos (ARAÚJO, 2000) apontam para uma busca, em cada vez mais aproximar-se com temas sociais e políticos nacionais, mesmo sem deixar de lado o conteúdo melodramático que garante o fascínio e a adesão do público aos heróis e heroínas e as tramas românticas, procurando mesclar nessas tramas questões sociais e temas polêmicos para os quais a sociedade se volte na atualidade, com a ficção construindo-se num diálogo e numa interação constantes com a realidade.

Mas na história da telenovela brasileira segundo Araújo (Ibidem) poucos atores exploraram conflitos sociais reais que enfoquem a discriminação racial e o preconceito em sua complexidade de formas e atitudes como temáticas para suas tramas novelescas, sem considerar os lugares ocupados por atores negros, com raras aparições como protagonistas ou antagonistas, as "rédeas de ação" geralmente são tomadas por atores brancos, os destaques referem-se a tramas do período escravocrata ou o "ciclo abolicionista da televisão brasileira", reforçando a história do negro condicionada a escravidão.

Outro importante aspecto levantado por Joel Z.ito Araújo e fundamental para nossas análises é as relações dos estereótipos presentes na telenovela contemporânea e suas heranças, ou melhor seria as referência visuais americanas que em estudos da representação negra no cinema americano aponta os cinco estereótipos básicos no cinema industrial.

O primeiro seria o "mulato trágico", perdido entre o mundo dos brancos e dos negros; segundo a *"mammie"* quem não se lembra do clássico de nossas sessões da tarde "O Vento Levou" com a imortalizada serviçal, fiel e representada por, *"A mulher negra típica, prevista para a sua representação devia ser uma atriz grande e gorda, capaz de caracterizar uma negra ao mesmo tempo orgulhosa, dominadora, de vontade forte, irritável, mas intensa maternalidade."* (p.50); seguidos dos servis e doces Tom e Tia Jemima, negros serviçais, com a típica inferioridade subserviente e dedicados a famílias brancas, no Brasil estes estereótipos foram imortalizados na telenovela *"A cabana do Pai Tomás"* (1969), onde uma galã da época branco interpreta um negro, mesmo a novela tendo um grande, o maior número de negros no elenco até então, *" O ator foi pintado de preto e usava rolhas no nariz e atrás dos lábios para aparentar uma pessoa negra de nariz largo e beiçudo."*(p. 90) exigência da agência Colgate-Palmolive que provocou grande polêmica, além de não empolgar o público; o quinto estereótipo trata-se do *"buck"* um negro brutal e hipersexualizado explorado pelo cinema americano deste "O nascimento de uma nação" de D. W. Griffith (1915) clássico da história do cinema, mas sem muita importância no melodrama latino-americano.

E ressaltamos que a representação e visibilidade do segmento negro vão de encontro com a trágica constatação de que, apesar de representar parcela expressiva na construção da população e da cultura brasileira, tem sido ignorado na ficção ou retratado de modo negativo ou estereotipado. Ao caracterizar o negro de modo estereotipado, a telenovela traz, para o mundo da ficção, um imaginário que permeia as relações entre brancos e negros no Brasil; revela o universo presente nessas relações, atualiza crenças e valores pautados por esse imaginário que não modernizou as relações interétnicas na nossa sociedade.

Salientamos que a telenovela ou melhor a televisão brasileira não representa o Brasil real, conforme afirmou recentemente E. Bucci (Folha de S. Paulo, 02/06/2002), sobre a estética dominante e referendada da televisão brasileira,

> *"Não são apenas os negros que não tem vez na televisão brasileira. É o Brasil que não tem vez (...) Na TV o banimento dos sotaques corresponde ao banimento das diferenças no ideal do Brasil integrado. O brasil que idolatramos é um Brasil de mentira."*

UNICAMP - IE - BIBLIOTECA

3.3 – O Clone e estigma racial....

Último grande sucesso de audiência "O Clone", telenovela exibida pela Rede Globo em horário nobre (entre 20-22 horas), de autoria de Glória Perez (autora de novelas com temas polêmicos como: transplante/doação de órgãos; grupos excluídos ou estigmatizados como os ciganos; crianças desaparecidas...casos da novela "Explode Coração"), em exibição há aproximadamente nove meses, vem batendo todos os recordes de audiência segundo a imprensa especializada (TV Folha, Maio/Junho 2002).

"O Clone" traz à tona grandes temas da atualidade, clonagem humana com uma discussão sobre a ciência, ética e religião, em particular a religião juntamente com os costumes muçulmanos e a questão das drogas, dependência e vício, este por sua vez pioneiramente abordado como doença do dependente químico.

A abordagem de temas polêmicos por um lado atende à demanda (criada e alimentada pela mídia) e por outro vai cumprindo o papel da telenovela enquanto poderoso bem – ideológico- de consumo da indústria cultural.

Temos o "debate" da história polêmica da clonagem humana deste a ovelha Dolly, temos o mundo superficialmente muçulmano pós o ataque terrorista de 11 de setembro nos Estados Unidos e temos as drogas enquanto uma "doença social" abordada com o máximo de verosimilhança, depoentes supostamente reais e principalmente expostos de forma "real", eles não estão na trama, não são personagens na história, mas eles estão na narrativa como conteúdos empíricos, narrando suas histórias de vida, dores e angústias reais...elemento importantíssimo da construção e assimilação da totalidade da novela enquanto real, você se identifica e reconhece a realidade, o apelo emocional é imbatível, a população acompanha, chora, ri, se vê pela TV.

E a população negra, como se vê? E os negros da novela, como surgem os negros na novela? Considerando um país onde oficialmente metade da população brasileira é negra (se considerarmos ascendência, fugindo à regra da aparência como critério de pertencimento racial) existe um pequeno núcleo negro, confirmando segundo Araújo (2000) a estética sueca da telenovela brasileira, onde a maioria do elenco é branca, de classe média para ricos.

O núcleo negro que representa o afro-descendente mais expressivo da novela possui 04 personagens centrais para nossas análises, 04 ou 05 personagens (mãe e tia da personagem Deusa e núcleo São Cristóvão - Edvaldo, D. Jura...) de apoio negros e pardos deixamos de lado por não constituírem-se de forma relevantes para análises de nossas hipóteses.

Segue abaixo nossas análises, apresentação e principais características de nossos personagens, considerando como eles são, onde aparecem, o que eles fazem (suas ações) e o que eles falam, como é representado a identidade negra da novela.

- **Dalva** – Empregada, ou melhor governanta, trabalha para a família Ferraz (núcleo protagonista da novela) , fiel e totalmente sem vida própria, não tem casa, nem família, vive à mercê e disposição da família Ferraz e suas vidas. Aparece sempre bem arrumada, quase como um ornamento a mais da mansão. Envolve-se em todas as discussões da família, muitas vezes de maneira indiscreta, preconceituosa e ressentida (como com Ivete, mulher do Dr. Leônidas, de classe social inferior) que ela freqüentemente se refere como "sem classe", que não combina com a casa e que *"ela não sabe ser patroa"*. Suas aparições oscilam conforme a temática central do capítulo, quanto é sobre o Clone, o Léo ela aparece acreditando e defendendo uma possível reencarnação do irmão do Lucas Ferraz (que foi clonado); quanto a questão das drogas se sobressaí com a personagem Mel Ferraz, a drogada representante da elite (no núcleo drogados tem três personagens centrais, representando a elite, classe média e pobre/subúrbio), ela aparece consolando, aconselhando, cuidando da Mel, da mãe Maysa, chorando...todas as suas aparições e participações surgem como elenco de apoio, subserviente e de servidão. Reforça estigma do servilismo e da ignorância.
- **Deusa** – Mãe do clone, dançarina "profissional", jovem e bonita, trabalha com atendimento de clientes de um salão de beleza, que não aparece, somente através de suas falas "Preciso atender minhas clientes...", reforçando o estereótipo da dançarina-sambista integral, pois ela não aparece trabalhando, somente dançando. Não aceita as evidências de ter sido enganada no processo de inseminação artificial que fez, para ter um filho de Edvaldo (seu companheiro), onde o Dr. Albieri inseminou um clone do Lucas Ferraz. O clone chamado Léo, vive com ela e a avó e a tia-avó, ambas negras e reconhecidas pelo clone como sua família. Suas aparições e participações são ou dançando em um salão de dança ou

defendendo a maternidade do "filho". O fato de ele ser branco e uma cópia está fisicamente comprovado a não semelhança e possibilidade científica de clonagem não é aceita por uma ignorância desesperada por parte da personagem, comumente com explicações religiosas. Estigmas tanto da mulata-sambista, a dançarina em tempo quase integral na trama, como da ignorância.

- **Tião** – Poeta namorado da D. Jura (núcleo subúrbio de São Cristóvão), passa o tempo todo, ou melhor todas as suas aparições são no bar da namorada, onde fica o dia todo comendo pastéizinhos de camarão, tomando cerveja no bar e às custas da namorada.. Veste-se como o típico e estereotipado malandro carioca. Estigma clássico do negro no Brasil do malandro, galanteador e enrolador.
- **Carol** – Advogada bem sucedida da empresa da família Ferraz, trabalha na empresa onde passa a maior parte do tempo em que aparece em cena e onde a expressão de sua personagem se configura, amiga, confidente e conselheira da personagem Clarice (mãe do drogado representante classe média). Namora com o Lobato, advogado da empresa/família, drogado existencialista (que está em tratamento e provocando reflexões através da representação do processo psicanalítico). É a suposta negra bem sucedida da trama, trabalha, tem formação superior, porém não tem família, ascendência, nem uma história própria, pois somente consta ser sobrinha da Dalva, mas não mantêm relações com a mesma. O Estigma do negro em ascensão social, mas que é coadjuvante e que vive a vida do branco.

Após as sucessivas leituras das imagens de uma semana da novela (gravamos capítulos de 13/05 a 18/05/2002), caracterização atenta dos personagens negros centrais, observamos que a trama de O Clone, com a busca de um discurso progressistas em alguns aspectos, como a temática das drogas, ou mesmo a questão ética da ciência, remete a representação negra na sociedade brasileira de forma estereotipada. Observamos que os quatro personagens além de serem elencos de apoio e não terem profunda significações na trama, eles representam ou reforçam estereótipos consolidados do negro na telenovela brasileira e quanto aos estereótipos remetem aos cinco estereótipos básicos do cinema industrial, (a personagem Dalva não representa a *"mammie"* do século XXI???) com algumas modificações e incorporações considerando a realidade brasileira, como o malandro carioca interpretado por Antônio Pitanga que dá vida ao personagem Tião.

E assim negros representados na história da telenovela no Brasil surgem e vamos nos habituando novela após novela com nossos serviçais, malandros, ignorantes e com poucas exceções de novelas que retratam o processo de branqueamento do negro de sucesso. Assim como identificamos a pretensão da telenovela brasileira em representar a moderna sociedade, com seus constantes conflitos, discutindo temáticas sociais atuais candentes, ressaltamos o quanto sonega a uma imagem mais moderna, bem como um aprofundamento corajoso em questões tabus como relações raciais, favorecendo a consolidada desigualdade entre os brancos e negros. Tratando como em outras instâncias da sociedade que não prioriza o enfrentamento do racismo, caindo no senso comum da falsa democracia racial, ou no "preconceito de ter preconceito".

- **Personagens (segundo site na Internet/www.sic.novelas)**

Deusa (Adriana Lessa)

É a mãe de aluguel de Léo. Boêmia, ela gosta de dançar. É alegre, despachada, objetiva e adora viver. Muito chegada ao filho, que acredita piamente ser fruto de uma inseminação artificial. Não vai aceitar a explicação do clone, parecendo-lhe sempre que a história é uma manobra de Albieri para a afastar de Leandro. Sofre com as desconfianças do filho em relação à sua origem e sente-se rejeitada por ele.

Dalva (Neuza Borges)

Criou Lucas e Diogo desde que nasceram. Alegre, carinhosa, maternal, não compreende a clonagem humana, agarrando-se a explicações sobrenaturais para justificar o aparecimento de Leandro nas suas vidas. Tem profunda desconfiança de Albieri, que considera um malandro e não acredita no projeto que ele desenvolve com os rebanhos de Leônidas Ferraz.

Carolina (Thalma de Freitas)

Carol, sobrinha de Dalva, trabalha na empresa de Leônidas e será namorada do filho da melhor amiga, entrando em conflito com ela. Vive o drama de estar apaixonada por um homem que se meteu na droga.

Ao procurarmos imagens do personagem Tião, interpretado por Antônio Pitanga, não encontramos nada da telenovela, nem tampouco sobre a malandragem poeticamente carioca de seu personagem, mas ficou registrado em nossa memória a contradição da atuação na televisão e a militância política na vida real.

Sérgio Mamberti e Antonio Pitanga no 9o. Encontro Nacional do PT (1994). Foto: acervo do Diretório Nacional do PT.

E encerramos nossa busca pelo negro, nossas análises, angústias com tão perversas desigualdades pela literatura...clamando as palavras de Marco Polo:

"(...)

O Grande Khan já estava folheando em seu atlas os mapas das ameaçadoras cidades que surgem nos pesadelos e nas maldições: Enoch, Babilônia, Yahoo, Butua, Brave New World.

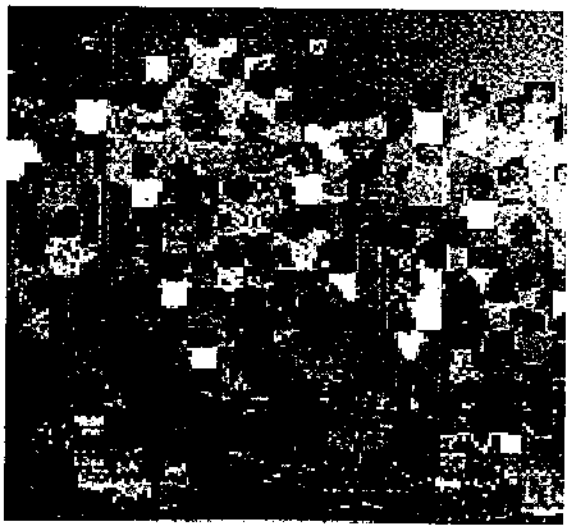
Disse:

— É tudo inútil, se o último porto só pode ser a cidade infernal, que está lá no fundo e que nos suga num vórtice cada vez mais estreito.

E Polo:

— O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço."

(As cidades invisíveis/ Italo Calvino; tradução Diogo Mainardi. – São Paulo: Cia das Letras, 1990.)



José Thiago
Dimensão - 54x45cm
Técnica - Óleo s/ Tela
Noite de Reis – 1980

Considerações Finais

Nosso trabalho procurou, a partir do estigma racial, analisar a construção da desigualdade como processo histórico e concomitantemente a exclusão produzida no âmbito cultural.

Como afirma Boaventura de Souza Santos em palestra proferida sobre a construção multicultural da igualdade e da diferença, a desigualdade é um fenômeno sócio-econômico, e a exclusão é sobretudo um fenômeno cultural e social um fenômeno da civilização. Trata-se de um processo histórico através do qual uma cultura, por via de um discurso de verdade, utilizando-se dos instrumentos necessários e legitimados pelos avanços da ciência, cria o interdito e o rejeita.

As construções sociais estabelecidas historicamente que legitimam, ou proporcionam a manutenção do processo de diferença, desigualdade e exclusão assentam-se no processo dialético de relações de poder presentes na nossa estrutura social.

Pensar o racismo no Brasil recai na história colonial de exploração ad infinitum, explorar as riquezas naturais, do solo aos homens, genocídio dos povos indígenas à perversidade do trabalho negro escravo, homem coisa, mercadoria.

E para nós a questão centra-se em para onde vão as heranças de longos anos de práticas e representações da violência contra a condição humana, sem ideais humanitários no sentido abstrato que o termo pode sugerir, pois a escravidão e mesmo as condições em que a população negra ocupou - e ocupa até hoje - na estrutura social brasileira remetem a inferioridade racial e social e aí o desafio é romper, trabalhar com a conscientização da construção histórica baseada em relações de poder, critérios econômicos que se estabeleceram ao longo da história.

É importante frisar, resgatar, divulgar que a escravidão não se iniciou na África negra e não somente sustentou a construção das américas contemporâneas, há milhares de anos os homens, os povos escravizam seus inimigos em guerras diversas, porém este conhecimento é limitado a maior parte da população, ou mesmo nem é trabalhado nos conteúdos oficiais das escolas.

O racismo contra os negros oriundos da África sustentou-se e sustenta-se no discurso naturalista da desigualdade construído pela supremacia da ciência positivista do século XIX e enraizada nas práticas e representações do período contemporâneo.

E a luta contra o racismo vai de encontro com o rompimento do padrão europeu imposto deste o século XIX, uma luta não restrita a comunidade negra, aos afro- descendentes mas a todos os povos colonizados, expropriados de sua identidade cultural.

Uma luta que para os afro-descendentes visa à cidadania plena onde possa ser incorporada no histórico cultural brasileiro a contribuição africana, os negros foram capturados e durante longos anos, séculos cruelmente escravizados e aos seus descendentes lhe és negado o conhecimento das nações e civilizações, ou mesmo as universidades existentes no continente africano, a história do negro no Brasil comumente resume-se perversamente no período escravocrata.

O Brasil com uma identidade fragmentada, somente integrado por mitos, mito da nação nacional, do paraíso sem grandes tragédia naturais que mascara grandes e profundas tragédias sociais, constrói o imaginário do orgulho de ser brasileiro, uma democracia racial, sem uma linha de cor mas com linhas sociais, bolsões de pobreza absoluta bem definidas.

Estudos do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) divulgados recentemente na Conferência Nacional contra o Racismo e a Intolerância (2001) denunciam que

> *"(...) cerca de 34% da população vive em condições de pobreza e 14% em situação de indigência. Os negros são 64% dos pobres e 69% dos indigentes. Em 1999, a taxa de desemprego foi de 8,9% entre brancos e 10,6 entre negros."* (Folha de S. Paulo, 8/07/2001).

E a partir deste apartheid social, das trágicas constatações que permeiam nosso cotidiano e após nossas análises sobre o racismo nas relações escolares e da representação e visibilidade do negro em uma telenovela de grande audiência no Brasil somente nos cabe reforçar a necessidade de um empenho acadêmico na nossa formação por uma pedagogia da desconstrução.

Na trajetória de nosso trabalho tanto na escola, como no vídeo, com um mergulho de inspiração na magia do cinema observamos o quanto o racismo no Brasil vai se configurando ao longo da história, com práticas consolidadas que mascaram ao máximo os conflitos raciais, escamoteando dos discursos oficiais da sociedade afim de garantir o nosso paraíso de convivência racial e étnica...nossa democracia das diferenças para exportação.

Porém destacamos que assim como nosso intuito neste trabalho foi de desmistificar mitos e mexer em velhos tabus, combatentes formas de luta contra o

preconceito racial, principalmente no âmbito legal, como o Estatuto da Igualdade Racial, projeto de lei do Deputado Paulo Paim (PT/RS) que está em discussão em comissão especial na Câmara dos Deputados, visando além de resgates compensatórios com os afro-descendentes da população brasileira, busca contribuir para a construção e consolidação de um projeto nacional que efetivamente garanta o direito à cidadania, esta compreendida de forma o mais revolucionária possível em tempos tão sombrios: fraterna e igualitária.

E poderíamos finalizarmos ou nos despedirmos com música para compor nosso caleidoscópio, como se ouvíssemos os pássaros cantar, pois *"deixe-me me ir preciso andar, vou por ai a procurar rir pra não chorar...."* e que nossa alma não tenha cor.

Alma não tem cor

(André Abujamra)

alma não tem cor
porque eu sou branco?
alma não tem cor
porque eu sou negro?
branquinho
neguinho
branco negão
perceberam que a alma não tem cor
ela é colorida
ela é multicolor
azul amarelo
verde verdinho
marrom

Cantado por Chico César (Aos Vivos, 1994)

Bibliografia

ALMEIDA, M. J. **Imagens e Sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____**Cinema arte da memória**. Campinas, SP: Autores associados, 1999.

ANDRADE, C. D. **Sentimento do Mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ARAÚJO, J. Z. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

BARBOSA, I. M. F. **Socialização e relações raciais: um estudo de família negra em Campinas**. São Paulo: FFLCH/USP, 1983.

BORGES PEREIRA, J. B. **Cor, profissão e mobilidade**. São Paulo: Pioneira, 1966.

_____. Racismo à Brasileira In K. MUNANGA. **Estratégias e políticas de combate a discriminação racial no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1966.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHARTIER, R. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1990

COUCEIRO, S. M. **O negro na televisão de São Paulo: um estudo de relações raciais.** São Paulo: FFLCH/USP, 1983.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Dominus, 1965.

FERREIRA, R. F. **Afro-descendente: Identidade em Construção**. São Paulo:EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

FIGUEIRA, V. M. O preconceito racial na escola In **Relatório: A África na escola brasileira**. Rio de Janeiro: SAFRO, 1993.

FREYRE, G. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: Maia e Schimidt, 1993.

GOFFMAN, E. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. São Paulo, 1975.

GUSMÃO, N. M. M. **A dimensão política da cultura negra no campo: uma luta, muitas lutas**. São Paulo, Tese de Doutorado - FFLCH/USP, 1990.

HASENBALG, C. A. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

JONES, J. **Racismo e Preconceito**. São Paulo:Edgard Blucher, 1973

KREUTZ, G. **Raça Negra e Educação**. Cadernos de pesquisa, São Paulo: F.C.C., n. 63, nov.1987.

LOPES, A. **Escola, socialização e cidadania: um estudo da criança negra numa escola pública de São Carlos**. São Carlos: EDUFSCar, 1995

MOSCOVICI, S. AA **representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar , 1978.

OLIVEIRA, I. **As desigualdades raciais vistas pelas crianças e pelos jovens**. São Paulo: Tese Doutorado, Instituto de Psicologia – USP, 1998.

OLIVEIRA JR., W. M. **Chuva de Cinema: natureza e cultura urbanas**. Campinas, SP. Tese de Doutorado, FE/Unicamp, 1999.

PATTO, M. H. **A produção do fracasso escolar**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PINTO, R. P. Diferenças raciais e educação: problemas e perspectivas In **A luta contra o racismo na rede escolar**. São Paulo: FDE, Grupo de trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros, 1995.

PINTO, R. P. A **representação do negro em livros didáticos de leitura.** São Paulo: Cad. Pesq., n. 63, nov. 1987.

ROSEMBERG, F e PINTO, R. P. Trajetórias escolares de estudantes brancos e negros In **Educação e discriminação dos Negros.** Belo Horizonte: IRHJP,1988.

ROSEMBERG, F. **Educação infantil, classe, raça e gênero**. São Paulo: Cad. Pesq. n. 96, p. 58-65, fev. 1996.

SANTOS, B. S. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. Palestra proferida no VI Congresso de Sociologia, realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 04 a 6/09/1995.

SANTOS, M. **Ser Negro no Brasil hoje**. In Folha de São Paulo, caderno Mais, p. 15-16, 07/05/2000.

SOLIGO, A. F. **Crianças Negras e Professoras Brancas: Um estudo de atitudes**. Campinas, Tese de Mestrado – Inst. de Psicologia/PUCCamp , 1996.

_____ **Preconceito no Brasil: análises de adjetivos e contextos.** Campinas, Tese de Doutorado – Inst. De Psicologia/PUCCamp, 2001.

SOUZA, I. S. **O resgate da Identidade na travessia do Movimento Negro: arte, cultura e política**. São Paulo, Tese de Doutorado - Instituto de Psicologia/USP, 1991.

SOUZA, I. S. **O resgate da Identidade na travessia do Movimento Negro: arte, cultura e política**. São Paulo, Tese de Doutorado - Instituto de Psicologia/USP, 1991.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa – ação**. São Paulo: Cortez, 1994.

Anexos

ANEXO 1 - Questionário

Levantamento de interesses - Projeto de Rodas de Leitura
Raul Pila lendo-se. ..

Nome:

Idade:

Sexo:

Gosta de ler?

O que gosta de ler?

Livro	sim	não	Revista	sim	não
Jornal	sim	não	Gibi	sim	não

Outro, qual?

Qual estilo literário gosta?

Documentário	sim	não
Entrevista	sim	não
Biografia	sim	não
Notícia	sim	não
Romance	sim	não
Crônica	sim	não
Poesia	sim	não
Ficção	sim	não
Aventura	sim	não
Humor	sim	não

Que temas interessam?

Amigos:
Família:
Sexo:
Lazer:
Música:
Esporte:
Outros:

Que livros já leu?

Título (nome do livro)	Autor

Se as rodas não fossem somente de leitura, que outras atividades ,você gostaria que fossem realizadas?

Anexo 2 - Carta a Izidoro

Propostas de textos sobre a vida dos negros em Campinas para serem trabalhados com as 5° séries. Alguns temas levantados a partir do questionamento:

- que você gostaria de saber a respeito desse lugar que no passado foi a Fazenda Mato Dentro, depois a Fazenda Brandina e hoje o bairro, a escola, o shopping, etc...

"A história é coisa muito interessante
Mas o Homem é o mais importante "
(Fala de um aluno)

A história real de Isidoro o menino filho de uma escrava e seu senhor

História retirada do Livro ,"História da Vida Privada no Brasil 2" , coordenado por Fernando Novais. Editora Companhia das Letras, 1997.

Era uma vez um garoto chamado Isidoro Gurgel Mascarenhas, que nasceu em Campinas no ano de 1850. Ele era filho de Ana, que era escrava. Isidoro também teria nascido escravo, porém Lúcio, o senhor de sua mãe, libertou-o já na pia batismal. Lúcio registrou-o como sendo filho de "pai incógnito".

Lúcio, que também era filho de uma mulher escrava, morreu em 1861. Ele nunca se casou, e só nesta época, depois de sua morte que as pessoas ficaram sabendo que ele tinha filhos. Isto porque, em seu testamento, Lúcio reconheceu que tinha 6 filhos e deixou-lhes suas propriedades. Um de seus filhos era o próprio Isidoro.

O texto de seu testamento dizia o seguinte:

"Sou solteiro, nunca contrai matrimônio e meus pais são falecidos. Declaro que tenho seis filhos naturais e os instituo por meus herdeiros, os quais estão no meu poder, e os criei".

Nesta época, Isidoro tinha quase 11 anos, e sua mãe Ana tinha 30. Apesar de ter deixado a herança para seus filhos, Lúcio não libertou Ana, nem as mães de seus outros filhos. A herança de Isidoro ficou sob a responsabilidade de tutores, que também nunca libertaram Ana.

Em 1869, ao atingir a maioridade, podendo cuidar de sua herança e morando em Campinas, Isidoro assinou a liberdade de sua mãe. O documento, que parece ter sido escrito de forma muito emocionada, era assim:

"Digo eu Isidoro Gurgel Mascarenhas, que entre os mais bens que possuo sou senhor e possuidor de uma escrava de nome Ana, recebida de herança de meu Pai, Lúcio Gurgel Mascarenhas, e como a referida escrava é minha Mãe, verificando-se a minha maioridade hoje, pelo casamento ontem, por isso achando-me no direito, concedo à referida minha Mãe plena liberdade, a qual concedo de todo o meu coração" (Cartório do Primeiro Oficio Civil de Campinas, 11/10/1869)

ANEXO 3 - Texto "Por que o Negro é Preto"

História retirada do Livro ,"Contos Tradicionais do Brasil" , de Câmara Cacudo. Coleção Terra Brasilis.

Por que o negro tem a sola dos pés e a palma das mãos inteiramente brancas? É uma pergunta para iniciar uma história de quando Cristo andou na Paraíba. Mestre Alípio, vaqueiro conceituado, administrador do Engenho Itaipu, foi logo dizendo o que sabia a respeito. Não se fez de rogado. E contou que era voz corrente, disso sabendo deste menino, que Jesus, "ao aparecer por aqui", costumava passear por todos os recantos numa visita de inspeção.

Avistando-o a distância, a mulher de um camponês ficou envergonhada de ser muito moça e já possuir 16 filhos e, então, meteu alguns deles escondidos num quarto. Esperou que chegasse a vez de ser interrogada, o que não tardou. Jesus, aproximando-se, perguntou-lhe se aqueles meninos que estavam no terreiro eram seus filhos, obtendo resposta afirmativa; e indagou ainda se estava satisfeita com a instalação, passadio e condições de vida. A casa lhe parecia bem grande, até confortável. E de repente se mostrou com a curiosidade de saber o que havia no tal quarto onde as crianças se achavam ocultas. Respondeu a jovem mãe, um tanto embaraçada:

- É um depósito de carvão.

Despedindo-se e abençoando a todos, Jesus teve estas palavras sentenciosas:

- Sendo carvão não mudará de cor.

Depois a mulher foi soltar o resto de sua ninhada e ficou surpreendida em ver que os filhos estavam pretos. Por causa de uma mentira se tornara mãe de oito filhos negros. Seu desgosto não podia ser senão enorme. Que fazer então? Revoltada consigo mesma, não escondia a sua tristeza, até que um dos apóstolos de Jesus, o santo Pedro recomendara cheio de confiança:

- Leve os meninos ao Jordão e faça-os banhar nas suas águas que eles ficarão brancos.

Porém, quando a camponesa chegou com a metade de seus filhos às margens do rio sagrado, inexplicavelmente este se achava quase seco, com um fiozinho de nada correndo, mal chegando para que as crianças pudessem molhar a sola dos pés e a palma das mãos. E como estivessem com sede, beberam gotas apenas para enganar o desejo, resultando de tudo isso ficarem brancas aquelas partes do corpo, inclusive a boca.

- A boca, Alípio? - interrogamos.

- Sim Senhor - respondeu ele. E acrescentou:

- A água foi pouquinha, dando apenas para clarear, puxando mais para o roxo.

É a explicação que se conhece com o fim de decifrar o mistério. Os escravos da Várzea costumavam contar essa História nas suas reuniões domésticas das senzalas e também da Casa-Grande, não deixando de fazer as suas "variações de largo fôlego", entrando detalhes interessantes, enxertos de improvisação, traços de vivo pitoresco, mas o essencial está no que ficou relatado em conformidade com a tradição. E sem tirar nem pôr.

Ademar Vidal

João Pessoa - Paraíba

ANEXO 4 - Figura "Exposição Bandeiras Contra o Preconceito"

ANEXO 5 – Pesquisa Áudio Visual – Raul Pilla

Identificação: _____

Idade: _____

Sexo: M ( ) F ( )

Cor: Branco ( )

Pardo ( )

Preta ( )

Outra: _____

1. Na sua casa tem televisão? Quantas?

2. Quem escolhe os programas que são assistidos?

3. Você vê TV todos os dias?

4. Em que horários você assiste televisão?

   Manhã ( ) Tarde ( ) Noite ( )

5. Que tipo de programa você gosta?

Filme ( ) Desenho ( ) Jornal ( ) Novela ( )

Auditório ( ) Esporte ( ) Seriado ( )

Outro: _____

6. Quais os três programas que você mais gosta?

7. Comente e faça um desenho sobre um dos programas que você mais gosta.